

Análises de CONTEXTO

PERSPECTIVA DAS RURALIDADES EM PERNAMBUCO

@centrosabia
[fb.com/centrosabia](https://www.facebook.com/centrosabia)
[youtube.com/sabiacentro](https://www.youtube.com/sabiacentro)
[flickr.com/centrosabia](https://www.flickr.com/centrosabia)
[maisuol.com.br/centrosabia](https://www.maisuol.com.br/centrosabia)

Cháliases de CONTEXTO

REALIDADE AGRÁRIA E AGRÍCOLA EM PERNAMBUCO:

DESAFIOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA NUM CONTEXTO DE CRISES

DESAFIOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA NUM CONTEXTO DE CRISES

No entanto, em Pernambuco quase 1 milhão e 200 mil hectares de terras nobres estão a serviço desse modelo. E mais uma vez as condições objetivas se apresentam para a necessária mudança histórica da região. Nós estamos entendendo que este é o momento certo para o governo atuar na região, em função da falência da maioria das usinas de cana. Garantir que todas as usinas devedoras do governo federal e governo estadual pudessem ser desapropriadas ou até expropriadas por conta de dívidas e transformadas em assentamentos de reforma agrária é uma das formas que se tem de realizar alteração na estrutura agrária e no modelo de desenvolvimento na Zona da Mata.

Zona da Mata de Pernambuco
Na Zona da Mata temos que contestar o modelo histórico optado pelos governos. Vamos ter que contestar de forma que possamos organizar as massas campesinas. O modelo da cana-de-açúcar sempre sobreviveu arraigado ao Estado. Se não tiver o Estado a cana não sobrevive, os usineiros não sobrevivem só do caldo da cana. Sobrevivem porque acumularam historicamente, mas o modelo não sobrevive. A cada momento de crise eles recorrem, constroem novas empresas, escamoteiam o Estado e refinanciam novamente, exigem subsídios, etc. De 1993 a 1996 foi um período de grande oportunidade que os governos tiveram para fazer a mudança estrutural na zona canavieira. Nos anos 1980, a cana do Nordeste representava quase 80% da cana-de-açúcar do Brasil. Hoje, o Nordeste representa apenas 12%. Em Pernambuco é menos de 3% do Produto Interno Bruto (PIB).

O governo do estado junto com os fornecedores de cana e os usineiros estão justamente buscando uma forma de substituir os usineiros antigos por cooperativas de fornecedores de cana que vão tocar e gerir as mesmas usinas, produzir o mesmo modelo histórico, do ponto de vista sociocultural e do ponto de vista econômico, sem alterar absolutamente nada. Nem a questão da estrutura agrária nem a questão do modelo de desenvolvimento. A região da Zona da Mata me parece que é o grande desafio que temos. Enquanto ainda existem algumas políticas públicas para o Semiárido, de armazenamento de água, na Zona da Mata não há absolutamente nenhuma política pública que o trabalhador possa acessar. É hora de repensar esse processo que aí está e garantir que os trabalhadores, já assentados, tenham outras opções de produção que não seja a cana, e aproveitar a crise para que a gente possa efetivamente fazer mudanças estruturais na região, que não são apenas mudanças da estrutura agrária, mas também do modelo de desenvolvimento, econômico, cultural e social.

PARA FAZER MUDANÇAS ESTRUTURAIS O ESTADO TEM QUE PARAR DE SALVAR OS USINEIROS

Porque, senão, eles também podem propor saídas. E agora estão propondo substituir cana-de-açúcar por eucalipto. E isso não substitui nada, porque a monocultura continua e o eucalipto é pior ainda, porque a cana ainda mantém em parte a proteção da terra, evitando erosões e os desgastes naturais do solo, enquanto os eucaliptos têm um poder mais agressivo e destruidor do meio ambiente e do solo, destruindo matas, córregos e rios.

O governo do estado junto com os fornecedores de cana e os usineiros estão justamente buscando uma forma de substituir os usineiros antigos por cooperativas de fornecedores de cana que vão tocar e gerir as mesmas usinas, produzir o mesmo modelo histórico, do ponto de vista sociocultural e do ponto de vista econômico, sem alterar absolutamente nada. Nem a questão da estrutura agrária nem a questão do modelo de desenvolvimento. A região da Zona da Mata me parece que é o grande desafio que temos. Enquanto ainda existem algumas políticas públicas para o Semiárido, de armazenamento de água, na Zona da Mata não há absolutamente nenhuma política pública que o trabalhador possa acessar. É hora de repensar esse processo que aí está e garantir que os trabalhadores, já assentados, tenham outras opções de produção que não seja a cana, e aproveitar a crise para que a gente possa efetivamente fazer mudanças estruturais na região, que não são apenas mudanças da estrutura agrária, mas também do modelo de desenvolvimento, econômico, cultural e social.

Mobilização

No meio disso tudo, na conjuntura atual, há coisas boas acontecendo. Nós criamos o Fórum das Organizações do Campo em Pernambuco. O Fórum reúne várias organizações, mas tem como frente principal o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Federação dos Agricultores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape), as organizações da Via Campesina, mas também os companheiros da Articulação Semiárido Pernambucano (ASA-PE), do Centro Sabiá, da Central Única de Trabalhadores (CUT). Em função do Fórum construímos, a partir de muito debate, a ideia de criar a Secretaria Executiva de Agricultura Familiar (SEAF). A ideia é que a SEAF pudesse ser instrumento de mobilização junto ao Estado e à sociedade para construir um projeto de desenvolvimento para Pernambuco. Hoje ocorre um processo de desmobilização no campo, muitas organizações desapareceram por conta da dificuldade econômica e política. Quem ainda sobrevive são as organizações sindicais, em função das políticas que aí estão, e as organizações não-governamentais (ONGs) que conseguem fazer parte do serviço que deveria ser do Estado. Fora isso, a dificuldade é muito grande.

Mas estamos nos

rearticulando.

Para o próximo período, a tendência não é apenas o debate coletivo, mas são ações coletivas. Já fizemos uma experiência importante que foi a participação de todas as organizações no Grito da Terra, convocado pela Fetape. E pensamos que, se tudo der certo, em 2016 vamos fazer ações permanentes, mobilizações coletivas, com uma diferença, uma pauta conjunta. Porque a pauta é que vai mobilizar. Até agora, mesmo com o Fórum, cada organização conduz a sua pauta, foi um exercício político. Na hora em que nós conseguirmos mobilizar a pauta conjunta, vamos conseguir recuperar nossa capacidade de mobilização. E essa é a grande expectativa e desafio que se tem para o campo aqui em Pernambuco.

PRECISAMOS ORGANIZAR OS TRABALHADORES !



O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de convidados e convidadas, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Realizamos debates sobre a Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Sólida, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, agora escrita, foi obtido por meio de reuniões. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como relato. Também partilhamos os painéis, resultados da relatoria gráfica de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com a forma de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação do conteúdo. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer reflexão sobre o tema seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temos a certeza que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastante difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mudar rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a estes momentos.

Boa Leitura!



Rua do Sossego, 355,
ano Amaro, Recife - PE,
CE 50005-080
www.centrosabiá.org.br

EXPEDINTE:

Organização e edição:

Catarina de Andrade (DRT/PE/447)

Revisão de conteúdo:

Alexandre Henrique Bezerra Pires

e Verônica Baitista

Paineis e ilustrações:

Muriel Duarte

Projeto gráfico e diagramação:

Alberto Salo

Revisão ortográfica:

Mariana Reis

JAIME AMORIM

DIREÇÃO NACIONAL DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

APESAR DA MAIOR SECA DOS ÚLTIMOS, 50 ANOS, NINGUÉM ABANDONOU SUA TERRA.

Vivemos uma situação bastante difícil hoje do ponto de vista da luta política e da luta ideológica. A conjuntura é difícil de interpretação, do nosso lado temos que tomar cuidado para não se somar a esse discurso da extrema direita, do conservadorismo. Todas as organizações que lutam pela transformação da sociedade vivem hoje esse dilema conjuntural. Não temos dificuldade de entender qual é o nosso posicionamento, porque devemos ter clareza daquilo que a gente quer, do projeto estratégico da classe trabalhadora. E o que isso tem a ver conosco? Esperávamos efetivamente, no atual momento político, estar vivendo, no mínimo, algumas mudanças estruturais, principalmente no campo. Quando falamos de mudança estrutural, falamos da questão da estrutura agrária baseada na grande propriedade de terra. E quando falamos do modelo de desenvolvimento, falamos do modelo de desenvolvimento da agricultura no Brasil, uma cultura da produção de monocultura agroexportadora. Em Pernambuco temos duas grandes situações diferentes, do ponto de vista estrutural: o Semiárido e a Zona da Mata.

Semiárido pernambucano

No Semiárido, apesar de todas as dificuldades, das crises econômicas, de toda nossa divergência ao modelo econômico, estamos vivendo o quinto ano, indo para o sexto ano de seca, mas em uma situação diferente. Com as crises climática e hidrica, possivelmente vamos ter consequências ainda maiores. Mesmo assim, há de se entender de que o governo depois de 2003 atuou bastante no que se diz respeito às políticas sociais.

Principalmente na ideia de salvar as pessoas. São políticas compensatórias analisadas por uns, políticas sociais, analisadas por outros. Mas de qualquer forma, garantiu nesse período de seca que as pessoas não tivessem que sair, abandonar sua terra, abandonar a sua vida, nem sua comunidade em busca de alternativas. Com todas as dificuldades as pessoas permaneceram. No máximo se deslocaram a outra cidade mais central, em função de atender às questões mais cotidianas.

O governo resolveu parte da problemática que são as questões mínimas para as pessoas viverem. Resolveu parte da questão da água, basicamente a questão do armazenamento com o programa de cisternas, com políticas ainda muito incipientes e algumas pequenas barragens. E em algumas poucas cidades se conseguiu avançar no problema do abastecimento, mas em sua maioria o abastecimento ainda tem como principal fonte o histórico carro-pipa. No entanto, permanecem dois grandes desafios no Semiárido, o primeiro diz respeito à reforma agrária, que é a grande contradição.

Historicamente se diz que o problema do Nordeste ou do Semiárido não é necessariamente a seca, mas a cerca. Então, teríamos que aproveitar os momentos da seca, os momentos de crise, para poder intervir nessa estrutura agrária que está aí. Se o problema é o latifúndio, que impede as pessoas de terem acesso à água, que impede as pessoas de terem as condições mínimas de vida, então, teríamos que aproveitar esses momentos para o governo poder atuar, desapropriando os latifúndios improdutivos e que não cumprem a função social, como determina a lei. Mas o que ocorre? Exatamente nesse período da seca, existe uma portaria que impede o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de desapropriar terras na região enquanto estiverem em vigência o

decreto de emergência por causa da estiagem. Nenhuma terra no Semiárido está sendo desapropriada nesse período, nos últimos cinco ou seis anos. Exatamente porque na hora que começou a se pressionar, o governo editou essa medida (portaria), pressionado pelos latifundiários, por grandes proprietários de terra, pelo Congresso, "aliados". Usando o argumento de que a seca altera a produtividade e, alterando a produtividade, o fazendeiro, que em função da seca não está produzindo, vai ser punido com a desapropriação.

Nós trabalhamos com uma ideia contrária, a de que é justamente nesse momento que existem as melhores condições de atacar o problema da concentração da terra. A improdutividade é visível nos latifúndios, é uma improdutividade permanente independente da estiagem. As propriedades produtivas estão estruturadas e conseguem resistir mesmo em períodos mais longos de seca, além disso, altera para baixo o valor da terra. Nós achamos que o governo tem que aproveitar esse momento, tem que voltar a desapropriar. É urgente alterar a estrutura agrária nesta região.

O segundo desafio é que temos que construir e fortalecer a cultura de armazenamento no Semiárido:

a) Armazenamento de água: não bastam apenas as cisternas. Em muitos municípios elas têm sido muito importantes, pois servem de espaço de armazenamento de água para depósito do carro-pipa. São importantes para as populações, mas não são suficientes para garantir que as pessoas construam uma cultura efetiva de armazenamento de água. Só que indiretamente o governo incentiva a matança dos animais (das matrizes que teriam que ser preservadas, como as sementes).

Nós propomos, e estamos fazendo campanha para isso, de que se o governo quiser fazer a segunda etapa do PAA Caprino, faça de forma sustentável, garantindo que nenhuma matriz seja mais abatida.

Que compre do camponês, que não tem capacidade forrageira para manter, mas distribua as matrizes para regiões que tenham capacidade forrageira. Porque a seca vai passar e vamos ter novamente um período de equilíbrio climático (mesmo com algumas alterações climáticas globais que vão certamente interferir na região) e quando isso ocorrer, se nós não tivermos mais matrizes, como vamos recompor o rebanho?

São políticas que temos que trabalhar, e estrategicamente desenvolver todas as formas, de construirmos a cultura do armazenamento na vida do camponês, para que ele e ela de forma familiar ou coletiva possa armazenar água, ração animal e sementes.

E com isso, salvar a vida dele ou dela, mas também salvar o patrimônio econômico do trabalhador e da trabalhadora e das comunidades camponesas que vivem no Semiárido.

Continua...



O PROBLEMA NÃO É A SECA É A CERCA.

FALTA VONTADE POLÍTICA P/ RESOLVER OS PROBLEMAS DA ESTIAGEM

INTERLIGAR SISTEMAS DE ÁGUA NO SEMIÁRIDO

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA
AGRICULTOR NO ASENTAMENTO MARAI E
SECRETÁRIO DE POLÍTICAS AGRÍCOLAS E
AGRÁRIAS DO SINDICATO DE TRABALHADORES
RURAIS DE RIO FORTES (PE)

Nós estamos passando uma situação hoje igual a dos anos de 1990 na Zona da Mata, que é quando se tratava da questão agrária, da questão da terra. Os poderosos estão usando outra estratégia, que é deiciar as cooperativas. A situação é que hoje estamos nessas crises, mas pior crise é quando falta o alimento e não a terra. Quando falta o arroz, quando falta a farinha. Quando iniciamos nosso trabalho de base para fazer as ocupações de terra aqui na Zona da Mata, a gente andava a pé. Hoje quando vamos para a reunião, temos que fazer um estacionamento porque são muitos carros em todo. Que dizer, estamos em crise, mas se formos na nossa base, vamos ver que também avançamos. Hoje na Zona da Mata a gente trabalhando dentro dos assentamentos a improdutividade jovens e das mulheres, de todos que estão nas associações participando. Antigamente você via os jovens, não via as mulheres. Agroecologia é uma nova transição na Zona da Mata, que muitas não acreditavam ou não acreditam, mas se está avançando. O que a gente observa é que o grão só é feito, mas é muita dificuldade. Os trabalhos estão sendo realizados em cada município, em cada assentamento há o grupo que está trabalhando Agroecologia, que está se esforçando, que está fazendo recuperação de matrizes. Nós acreditamos na mudança. Apesar de todos as associações que estamos passando, quem está aí no seu assentamento produzindo, comendo a banana, comendo o caraí, fazendo sua galinha. Está lá de barigancinha.



REALIDADE AGRÁRIA E AGRÍCOLA EM PERNAMBUCO:

DESAFIOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA NUM CONTEXTO DE CRISES

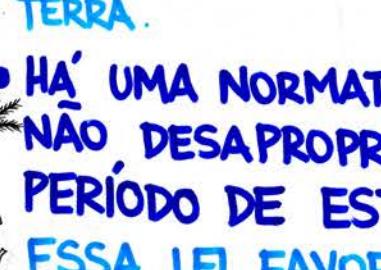
JOSÉ AUGUSTO
STR - RIO FORMOSO



- A NEGRIITUDE VIVE E PERMANECE DENTRO DO PVO DA ZONA DA MATA

A PIOR CRISE É A FOME !

- A PARTIR DE 2003 AVANÇAMOS COM O GOVERNO, O PROBLEMA FOI QUE CRUZAMOS OS BRAÇOS DEPOIS
- ESTAMOS DEFENDENDO A AGROECOLOGIA PARA DEFENDER DE GERENCIAR A VIDA, O MUNDO. SÓ APRENDEMOS A CRUZAMOS OS BRAÇOS DEPOIS
- NA ZONA DA MATA TEMOS DIFICULDADES PARA DEFENDER DE GERENCIAR A VIDA, O MUNDO. SÓ APRENDEMOS A CRUZAMOS OS BRAÇOS DEPOIS
- OU COMBATEMOS SER MANDADOS PELA PATRÃO OU COMEMOS VENENO
- QUANDO SAÍMOS DE CASA PARA OCUPAR UM LATIFUNDIO, SAÍMOS PRONTOS PARA GUERRA !
- TEMOS QUE CONTINUAR LUTANDO DEPOIS DE RECEBER A TERRA. CANHÃO SE DEFENDE COM CANHÃO !
- STRS ESTÃO SE MULTIPLICANDO, CIDADE PASSA MAIS MUITOS COM FOME QUE QUEM ESTÁ INTERESSES NOS ASSENTAMENTOS PRIVADOS



PRECISAMOS ORGANIZAR OS TRABALHADORES !

• PERNAMBUCO

SEMIÁRIDO APESAR DA MAIOR SECA DOS ÚLTIMOS, 50 ANOS, NINGUÉM ABANDONOU SUA TERRA.

ZONA DA MATA PREDOMINÂNCIA DA MONOCULTURA DA CANA-DE-ACUÇAR → PASSOU DE 80% PARA 12% DA PRODUÇÃO DE CANA NO BRASIL

• O PROBLEMA NÃO É A SECA É A CERCA.

• PARA FAZER MUDANÇAS ESTRUTURAIS O ESTADO TEM RESOLVERAM SUAS QUESTÕES QUE PARAR DE SALVAR OS USINEIROS O NORDESTE → PASSOU DE 80% PARA 12% DA PRODUÇÃO DE CANA NO BRASIL

• O GOVERNO DEVE APROVEITAR A QUEBRA DA CANA PARA FORTALECER A A.F.

• A LUTA DE CLASSES NÃO DÁ MAIS CONTA DE NOSSAS NECESSIDADES POLÍTICAS

• O ESTADO NÃO PENSAM ELE CONTRATA ALGUÉM PARA PENSAR

• HA' UM PLANO PE 2035: QUEM AQUI CONHECE ?

• AGRICULTURA FAMILIAR FOI CONSTITUÍDA PELAS MULHERES EM PE

• QUEM CONSTITUI ESSAS FAMÍLIAS ?

• QUEM ESTUPRA É O HOMEM: PRECISAMOS INCLUI-LO NAS QUESTÕES DE GÊNERO.

• FALTA VONTADE POLÍTICA P/ RESOLVER OS PROBLEMAS DA ESTIAGEM

• QUEM MORA NA CIDADE PASSA MAIS MUITOS COM FOME QUE QUEM ESTÁ INTERESSES NOS ASSENTAMENTOS PRIVADOS

• FORTALECER A CULTURA DE ARMAZENAMENTO DE ÁGUA E ALIMENTO. OS MEIOS DE INTERLIGAR, SISTEMAS COMUNICAÇÃO DE ÁGUA NO SEMIÁRIDO VÃO NOS ENVENENANDO



JAIIME AMORIM
MST

CRISTINA BUARQUE
FUNDAJ

- VAMOS SAIR DA CRISE COM ALEGRIA, É A SOLUÇÃO !

- AS FÓRMULAS

- NESTE MOMENTO HÁ MAIS PREGUNTAS QUE RESPOSTAS

- PRECISAMOS DE OUTRAS

- RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE



• A LUTA DE CLASSES NÃO DÁ MAIS CONTA DE NOSSAS NECESSIDADES POLÍTICAS

• O ESTADO NÃO PENSAM ELE CONTRATA ALGUÉM PARA PENSAR

• HA' UM PLANO PE 2035: QUEM AQUI CONHECE ?

• AGRICULTURA FAMILIAR FOI CONSTITUÍDA PELAS MULHERES EM PE

• QUEM CONSTITUI ESSAS FAMÍLIAS ?

• QUEM ESTUPRA É O HOMEM: PRECISAMOS INCLUI-LO NAS QUESTÕES DE GÊNERO.

• FORTALECER A CULTURA DE ARMAZENAMENTO DE ÁGUA E ALIMENTO. OS MEIOS DE INTERLIGAR, SISTEMAS COMUNICAÇÃO DE ÁGUA NO SEMIÁRIDO VÃO NOS ENVENENANDO

Analises de CONTEXTO

O Centro Sabá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãos e cidadãs, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Releitmos e debatemos sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Sólida, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebem aqui, agroecológico, foi obtido por meio de gravações. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como relato. Também partilhamos os painéis, resultados da retaria gráfica de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com o formato de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em um único folheto, que pode ser utilizado também de forma separada, facilitando a circulação entre os temas. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temos a certeza que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastante difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

EXPEDINTE:
Organização e edição:
Catarina de Araújo (DRT/PE/477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberto Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis



Rua do Sossego, 355,
Santo Amaro, Recife - PE,
CEP 50065-080
www.centrosaba.org.br

CRISTINA BUARQUE
PESQUISADORA DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Nossa responsabilidade neste painel, mais do que contextualizar as desigualdades entre homens e mulheres no mundo rural em Pernambuco, é convocar a discussão sobre os caminhos que precisamos trilhar para não reproduzir a exclusão das mulheres e de seus questionamentos da agenda de fortalecimento da agricultura familiar. Hoje, em pleno século XXI, quando reafirmamos a proposta de construir uma sociedade mais justa, solidária e igualitária para todas as pessoas, defronte de um torvelinho de crises nacionais e internacionais, a presença da violência doméstica e sexista contra as mulheres é uma constante das desigualdades de gênero que atinge as sociedades como um todo. Esse mal civilizatório, engendrado pelo patriarcado, fenômeno que antecede à formação capitalista, constitui-se em flanco aberto ao conservadorismo, não apenas contra as mulheres, mas contra todo e qualquer processo revolucionário. Assim, consideramos que o desafio de garantir a mulheres e homens o resgate da dívida civilizatória com a igualdade de gênero e com a liberdade das mulheres constitui-se em ponto inegociável das nossas agendas - seja enquanto indivíduo ou movimento social.

Como sabemos, o século XVIII é considerado o século das luzes. Foi nele que eclodiu, em 1789, uma das maiores revoluções sociais e políticas da história da humanidade: a Revolução Francesa. Liderada pela burguesia e partilhada por trabalhadores urbanos e camponeses, essa revolução se contrapôs ao Poder Monárquico Absoluto e difundiu a crença filosófica em uma humanidade racional, dona de seus atos, capaz de produzir liberdade, igualdade e fraternidade. Dela saiu um importante documento sobre direitos e deveres, mas que, no entanto, excluía as mulheres: Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Naquele contexto, o que fizeram as mulheres? Elas ficaram dentro de suas casas, como disciplinava o patriarcado? O que os homens fizeram? À primeira vista, que ideia vocês têm sobre isso? O que elas propuseram? Que mulheres se colocaram como agentes naqueles processos? Elas pleitearam questões que não foram consideradas? As questões que elas colocaram há mais de dois séculos são pertinentes para pensarmos os dias atuais?

Elas participaram ativamente das ruas e de todo movimento revolucionário; produziram nas unida-

des de trabalho familiar e, também, dedicaram-se aos pequenos comércios. Desse lugar, exigiram sua participação no poder e escreveram, entre outros documentos, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã; crítica profunda às desigualdades de gênero que aquela grande revolução se inclinava a reproduzir, e lançaram as bases do longevo Movimento Feminista. Naqueles ditos novos tempos, sofreram a repressão e a pena de morte, antes já ordenadas pela monarquia. Sem complacência, foram condenadas à condição de ignorantes, por importantes filósofos iluministas, e a se ocuparem apenas dos afazeres domésticos, sem direito à instrução, ao poder e à liberdade de ir e vir. Mesmo que muitas dessas interdições tenham sido removidas legalmente, até hoje as mulheres são minoria no parlamento e nos cargos de decisão do primeiro escalão dos governos de noventa por cento dos Estados-nação.

O século XIX é o grande século da Revolução Industrial, que produziu duas imensas modificações na Inglaterra, França e, também, no Brasil, que atingiram diretamente as mulheres: dissolução da família como unidade de trabalho e a passagem da sociedade agrícola para a sociedade industrial, onde os campões e as camponesas se transformaram em operários e operárias. Quem continuou a produzir a lavoura de subsistência aqui no Nordeste do Brasil? Que ideia vocês têm sobre as mulheres naquele século? Qual o seu papel na nascente produção fabril do algodão e dos produtos têxteis? Como elas participaram do processo de introdução de novas técnicas? Elas pleitearam questões próprias à sua condição feminina? Tais questões foram consideradas? Suas questões continuam pertinentes hoje? Elas nos ajudam a pensar os dias atuais?

O século XX é portador da grande Revolução Cultural. Do seu começo até o final dos anos 1960, muitas pessoas no chamado mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento acreditavam que as revoluções proletárias armadas nos levariam a uma outra sociedade, o que incluía novas relações sociais, novas relações de poder e novas relações econômicas. A grande Revolução Russa em 1917, contra o capital, contra a monarquia e contra o clero, é a primeira e a mais importante das revoluções proletárias. Muitos também foram os progressos da ciência e da técnica no pós-guerra. Porém, maiores ainda foram os danos causados não só

pelas duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), mas com o lançamento da Bomba Atômica. Onde estavam as mulheres nesses tempos tão armados? Nesses tempos em que se pleiteava a tomada do poder em favor dos despossuídos? Elas tinham propostas próprias? Foram ouvidas?

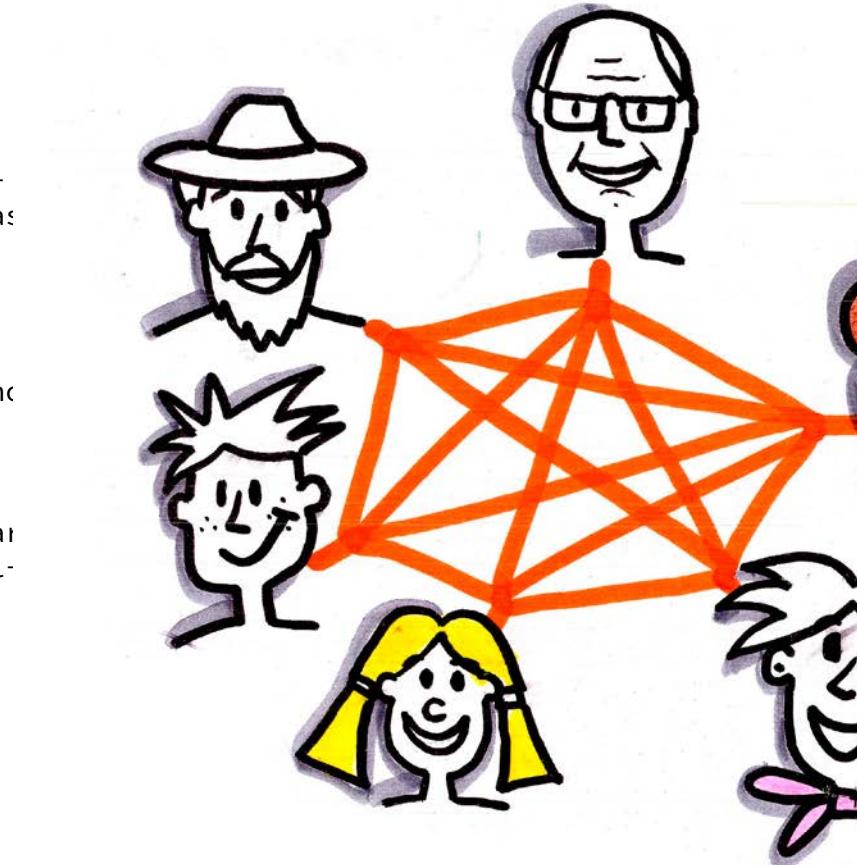
Desde o final da Segunda Grande Guerra Mundial, as mulheres estão às voltas com a efetivação dos Direitos Humanos, mas, como Eleanor Roosevelt, não têm sido reconhecidas como protagonistas desse movimento. Porém, é inequável que foi, também, de seus esforços que se originou o importante documento em favor do respeito às pessoas, lançado em 1948, qual seja: a Declaração dos Direitos Humanos.

Comentários sobre a questão agrária no Brasil
Para as mulheres, mais do que para os homens, o trato da questão agrária, predominantemente, no âmbito federal, é fator impeditivo de participação, pois, como é sobre suas costas que recaem as obrigações de cuidados com os filhos, idosos e doentes, seu afastamento do lar é quase sempre traumático. Por outro lado, o reduzido acesso dessas populações às políticas públicas, ao lazer, a oportunidades diversificadas de trabalho e ao debate sobre as questões do cotidiano e da macropolítica produz um estranhamento das áreas técnicas governamentais e não-governamentais diante da necessidade de apoiá-las para enfrentar questões como o racismo, o machismo, as desigualdades etárias e a homofobia.

AGRICULTURA FAMILIAR FOI CONSTITUÍDA PELAS MULHERES EM PE

A segunda grande revolução do século XX foi o Maio de 1968. Nela renovou-se o sentido de mudança da sociedade: estudantes, operários e camponeses abraçaram a ideia de se produzir uma Revolução Cultural. Assim, a partir do Maio de 1968 expandiram-se e consolidaram-se o Movimento Feminista, o Movimento Ecológico, o Movimento Gay e o Movimento Negro em muitas partes do mundo. No final do século XX surgem novos movimentos por inclusão: o Movimento da Pessoa Idosa, o Movimento da Pessoa com Deficiência e Movimento da Pessoa Trans. Enfim, desfechou-se um violento golpe na perspectiva patriarcal de organização da sociedade. As mulheres estiveram em todas essas frentes de transformações. No Brasil e fora dele, elas estudaram, ocuparam novos postos de trabalho, reivindicaram o direito sobre seu corpo, foram fundo nas questões da sexualidade humana, lutaram pelo divórcio, lutaram por participação política nas democracias participativas, defenderam a democracia representativa, contribuíram com a democratização da América Latina e do resto do mundo.

Podemos identificar no território pernambucano muitos aspectos capazes de mexer com o funcionamento e a cultura desta ou daquela região, trazendo vantagens para as populações que, no entanto, são quase sempre desprezadas. Por exemplo, todos nós sabemos que 87% do nosso território é Semiárido. Portanto, é bem pouquinho o que nos sobra de Mata. Contudo, temos uma Mata "imóvel": repleta de latifúndios, tomada pela monocultura, destruída por



uma pobreza endêmica e submetida a relações raciais, de gênero e de classe tão atrasadas que beiram à escravidão. Por quê? O governo não quer promover mudanças? Os donos do capital não deixam? Ok: tudo isso acontece. Mas, também, existem componentes históricos e culturais que nós, como movimentos sociais, nunca mexemos.

Agricultura familiar: problema e solução
O que queremos da zona rural quando se fala em agricultura familiar? Em unidade familiar produtiva? O momento de apogeu da unidade familiar produtiva é também o de apogeu do patriarcado, ou seja, do direito do homem sobre a mulher, a propriedade, a vontade das mulheres rurais de participação é muito expressiva, como exemplifica a Marcha das Margaridas. Realizada em Brasília, essa marcha arrasta mulheres daqui, de todo o Brasil, até a capital federal. Mas, aqui, em Pernambuco, como se expressa o trabalho que vocês, nós, e os movimentos sociais fazem com elas? Como elas impactam o governo estadual?

Aqui no Nordeste, essa agricultura foi construída, principalmente, pelas mulheres. Éramos nós que plantávamos nos quintais, criávamos os bichos pequenos e fazímos algumas peças de artesanato, quando de repente, diante do fracasso da Revolução Verde, um Novo Mundo Rural, criado no governo de Fernando Henrique Cardoso, descobriu a agricultura

familiar. Aí essa agricultura ficou importante até no Nordeste. Mas, que é família? A família mudou, homens e mulheres têm direito de não estar juntos quando a cabão amarrar, as mulheres conquistam direito à autonomia, a homossexualidade também é uma questão direito. E se é assim, as pessoas têm direito à individualização, assim como a constituir suas famílias como quiserem. Será que na base desse que pesamos mal agricultura familiar, e estão contemplados todos esses temas do novo tempo? O que modelo contraria a sede o patriarcado: pais que lidam e regulam e filhos. A agricultura familiar é interessante? Como é que podemos formar pessoas para essa agricultura? Podemos abandonar a monocultura? Agricultura familiar, ou explicar que vamos trabalhar com outro conceito de família?

Nossas forças
Com relação às mulheres, inclusive no Brasil, é preciso reconhecer seriamente o valor que têm as mulheres por mudanças culturais. Estavam nessas frentes antes da instauração de muitas outras lutas e avanços consistentes, nesse sentido. Hoje, estamos muitas vezes bem divididas, penetrando em todos os setores da sociedade, homens e mulheres. Mas, também, existem componentes históricas que têm que ser resgatadas. Porque nós não nos preocupamos sobre as raízes das propostas das mulheres se ressentem diretamente?

Esse quadro de indiferença nos leva a pensar que não estamos atuando como devíamos. Que não tratamos determinadas questões como devíamos tratar. E mais preocupante ainda: que corremos o risco de perder oportunidades que as crises, também, oferecem para construir um outro lugar. Para encerrá-la essa conversa, quero dizer que estou convencida de que não é a maioria dos nossos praticado há 20 anos, ou seja, mudar a pensamento de produção e relação de trabalho. Isto não basa. Temos que buscar outras estratégias, e essas só podem vir do que foi criado de novo. Precisamos não ter desprezo pelo novo, do mesmo jeito que não temos desprezo pela juventude; ela é merecedora de maior carinho. A juventude é ótima. Eas novas propostas podem ser ótimas também.

PANORAMA DA AGROECOLOGIA AVANÇOS E DESAFIOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UM PARADIGMA

JOELMA PEREIRA

AGRICULTORA AGROECOLÓGICA, VICE-PRESIDENTE DO CENTRO SABIÁ E
INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES E AGRICULTORAS
AGROECOLÓGICOS DE CUMARU (ASSOCAGRO), CUMARU (PE)

Percebo que iniciativas pequenas começam a surgir e serem trabalhadas e a partir delas a gente começa a ver que as famílias têm se aberto mais para o trabalho da Agroecologia. O Centro Sabiá tem papel importante nesse campo de atuação, que é buscar junto às famílias as alternativas para que esse trabalho seja consolidado e sustentável para todos e para todas. A Agroecologia traz muitas melhorias nas condições de vida, abre um leque de possibilidades, jeito de trabalhar e até mesmo de lidar com as alternativas que traz o desenvolver e conviver melhor onde você está, seja na Mata, no Agreste ou no Sertão. O nosso papel é fazer a diferença e estar em constante busca pelas alternativas, respeitando as diferenças de cada um, ou a situação em que cada um vive, mas não parando nas dificuldades.

As famílias agricultoras hoje estão mais informadas sobre o trabalho que fazem. Vejo isso como uma mudança boa. Reconhecem mais sobre seus direitos, falam mais e não ficam somente escutando, expõem as opiniões, seja lá onde eles estão e quais os espaços de que tenham participado. No panorama da Agroecologia no nosso estado temos vários pontos que considero relevantes. Nota-se que vai surgindo, mesmo que com experiências pontuais, as feiras agroecológicas; as vendas dos produtos como no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); as iniciativas agroecológicas nos municípios, mesmo que seja por uma ou por outra comunidade; a participação de mulheres e jovens na discussão e ações de projetos de Agroecologia e no campo dos recursos hídricos. É evidente que a gente precisa falar e buscar mais. Não posso deixar de dizer que o Centro Sabiá que eu conheci enquanto agricultora me fez enxergar as possibilidades de conviver com as realidades diferentes. Posso eu passar, mas levarei comigo o que nada e ninguém vai tirar, o conhecer a Agroecologia no sentido mais amplo da palavra, a vivência e a busca sempre pelas melhorias.

A EXPERIÊNCIA DE JOELMA:

A ASSESSORIA
DO SABIÁ FORTALECE
OS AGRICULTORES.

HOJE OS AGRICULTORES
TEM MUITO CONHECIMENTO
E INFORMAÇÃO.



1964

GOLPE MILITAR
RUPTURA COM A
AGRICULTURA
CAMPESINA
PROCESSO DE
IMPLEMENTAÇÃO
DA REVOLUÇÃO
VERDE PELO ESTADO:

AGreste - PECUARIZAÇÃO
SEMIÁRIDO - CULTURAS IRRIGADAS
ZONA DA MATA - DESTILARIAS
MOVIMENTOS SOCIAIS
GANHAM FORÇA

CADA UM
TEM QUE MUDAR
PARA MUDARMOS
O TODO.

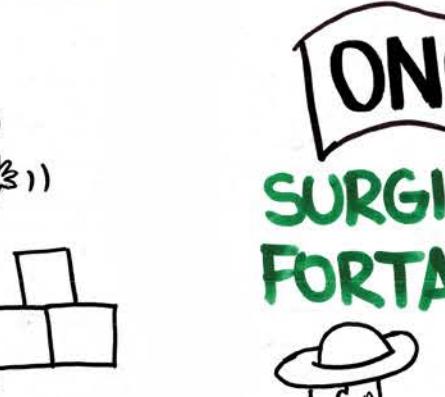
NINGUÉM
VAI TIRAR DE MIM
A AGROECOLOGIA
NO SENTIDO AMPLIO
DA PALAVRA.

PRECISAMOS
ACABAR
COM O ASSIS-
TENCIALISMO
NO CAMPO



1976

43 MIL
FAMÍLIAS
PERDEM
PROPRIEDADES



A IGREJA
É FUNDAMENTAL
NO TRABALHO COM
AGROECOLOGIA

ONGS
SURGIMENTO E
FORTALECIMENTO

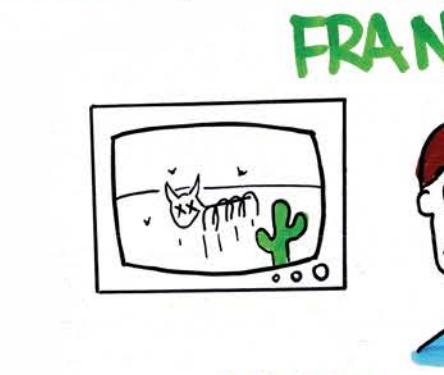
PE É O 2º ESTADO
COM MAIS ONGS QUE
TRABALHAM COM AGROECOLOGIA

DESAFIOS
PARA O
SABIÁ:

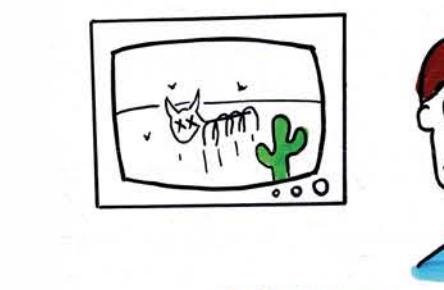
O AGROECOSISTEMA NÃO É APENAS
ALGO PRODUTIVO, É ECONÔMICO, POLÍTICO, SOCIAL
CULTURAL

1990

FÓRUM DA SECA
COMO FAZER
TECNOLOGIA
ALTERNATIVA
NA SECA?



CONVERSA
COM O
GOVERNO
DE JOAQUIM
FRANCISCO



1992

1992



1993
Ocupação da
SUDENE DEU
ORIGEM
A ASA

DIFÍCILDADE DE ACESSO À TERRA
DESCAMPEZINATO
FORTALECER A AÇÃO LOCAL
FORTALECER A PRÁTICA AGROECOLÓGICA
ARTICULAÇÃO EM REDE

Chártiles de CONTEXTO

O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de convidados e convidadas, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, de movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Releitmos e debatemos sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Solidária, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação, temos a oportunidade de compartilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebeu aqui, agora escrito, foi obtido por meio de gravações. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como o relato. Também partilhamos os painéis, resultados das relações gráficas de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com o formato de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em um único folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação entre os temas. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema chegue a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temas a largar que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastaria difícil para quem a tua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

EXPEDINTE:
Organização e edição:
Catarina de Araújo (DRT/PE 477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberta Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis
www.centrosabiá.org.br



Rua do Sossego, 355,
Santo Amaro, Recife - PE,
CEP 50.060-080
www.centrosabiá.org.br

MARCOS FIGUEIREDO
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
(UFRPE) E SÓCIO - FUNDADOR DO CENTRO SABIÁ

CADA UM TEM QUE MUDAR PARA MUDARMOS O TODO.

O movimento agroecológico tem uma dimensão estadual e é constituído por um conjunto de práticas, experiências, organizações e pessoas que fazem Agroecologia numa prática cotidiana. A Agroecologia tem uma estratégia metodológica que articula práticas locais a uma dimensão política em nível territorial, estadual e até mesmo nacional, assumindo muitas vezes o formato de rede social.

Observando o processo de constituição do movimento agroecológico podemos dizer que ele tem um marcador na história política recente em nosso estado. Tomamos como referência, para isto, o golpe militar de 1964. A ditadura militar implantada a partir daí provoca uma grave ruptura na sociedade, no conjunto de organizações populares, como também impõe uma reorientação no modo de uso dos recursos naturais, transformando agroecossistemas camponeses tradicionais que vinham se desenvolvendo no estado há muito tempo. O golpe militar significou, na perspectiva do movimento agroecológico, o cerceamento das liberdades, a extinção de organizações da sociedade civil em Pernambuco a exemplo das Ligas Camponesas, mas também a negação e a invisibilidade do campesinato.

Nesse sentido, é importante observarmos que a agricultura camponesa perde espaço nesse cenário político para grandes projetos vinculados à Revolução Verde, que são implantados e/ou fortalecidos em Pernambuco com apoio do Estado. Nunca o Estado disponibilizou tanto dinheiro à disposição da modernização, da desterritorialização, da descampesinização, como o fez a partir de 1964. Foram investimentos vultosos, a exemplo dos projetos financiados com recursos do Fundo de Investimentos do Nordeste (Finor) para substituir a economia camponesa considerada atrasada por uma eco-

nomia capitalista baseada em grandes projetos agropecuários, provocando a perda da autonomia de famílias e comunidades camponesas que há décadas viviam na terra.

Foram três as frentes principais de expansão da Revolução Verde e do agronegócio em Pernambuco que tiveram apoio do governo militar, com fortes impactos para a agricultura camponesa.

Região da Mata

O grande projeto na Zona da Mata foi a expansão do monocultivo da cana-de-açúcar. A novidade nesse processo é a chegada das destilarias. O açúcar certamente vem numa crise, desde o século XVII, em função da competição no mercado internacional. Mas entre 1974 e 1975 o estado lança o Proálcool que subsidia a expansão dos canaviais sobre terras produtoras de alimentos e favorece a implantação de destilarias nas usinas para produzir açúcar e álcool. O destino do etanol é atender o mercado automotivo nacional e internacional. Isso tem um impacto tremendo para a agricultura camponesa. Segundo a Comissão Pastoral da Terra Pernambuco (CPT-PE), cerca de 40 mil famílias em Pernambuco perderam as terras entre os anos de 1960 e 1980. São, principalmente, os moradores de pequenos sítios da região da Zona da Mata que produziam policultivos para autoconsumo e mercado local, que são expulsos para periferia de cidades, havendo assim uma desterritorialização camponesa.

Esses sítios de moradores eram, no nosso ponto de vista, Agroflorestas tradicionais, porque possuíam uma pequena área de terra, grande diversidade biológica de espécies vegetais e animais no entorno da residência, voltados para o abastecimento da família e do mercado local. Eles se diferenciam das Agroflorestas atuais porque não faziam todo o caminho metodológico da sucessão natural que orienta a recuperação de solos degradados partindo do plantio de espécies pioneiras, passando pelas de transição, até chegar às espécies de clímax, que são frondosas, altas e constituem uma floresta de grande porte. Os moradores de sítio não desenvolviam esse percurso metodológico que o Centro Sabiá desenvolve na atualidade com as famílias.

Com o Proálcool temos uma expansão dos canaviais que resulta no aumento da concentração da terra e no processo de descampesinização e favelização de milhares de pessoas. A resistência camponesa surge duas décadas depois com o processo de retomada da terra através de ocupações de áreas de engenhos e usinas falidas para formação de assentamentos, onde se desenvolvem na atualidade uma agricultura camponesa que vivencia processos de transição agroecológica.

Região do Agreste

No Agreste existia a pecuarização extensiva, com muitas fazendas que produziam palma, algodão e nas entrelinhas o morador da fazenda plantava o milho, o feijão, a mandioca, entre outras culturas alimentares e até criavam alguns animais para o sustento da família.

Uma economia camponesa voltada para o autoconsumo coexistindo com o latifúndio, tanto às margens como dentro dele. As políticas públicas voltadas para modernização do Agreste impulsionaram uma pecuarização à base de espécies ditas melhoradas tanto animais como vegetais, a exemplo de forragens. A introdução e ampliação do plantio em larga escala do capim buffel acaba com todas as possibilidades de consórcio tradicionais e, portanto, com o sistema da morada. Afrânio Garcia, tratando deste tema, diz que o boi tangeu o homem. Desse modo, mais uma vez as políticas públicas do regime militar concorrem para a concentração da terra, para a negação dos sistemas camponeses de produção e em última instância para a perda da condição camponesa.

Mobilização e resistência camponesa
É ainda no contexto da ditadura militar que vão resurgindo as lutas camponesas, que em nossa opinião são a base da Agroecologia no nosso estado. E é a partir da agricultura camponesa que se desenvolve um conjunto de práticas sociais, políticas e pedagógicas de resistência no interior do estado com apoio da Igreja Católica progressista. A voz de freiras, padres e bispos progressistas e, sobretudo, ação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) fez a diferença enquanto espaço de animação, resistência e de vida para camponeses e campesinas. A partir disso se desenvolve um conjunto de lutas sociais de resistência no estado de Pernambuco. A região do município de Afogados da Ingazeira é um símbolo na luta de enfrentamento à problemática da



Região do Sertão

No Sertão temos o processo dos grandes projetos de irrigação, que vem com todo o símbolo da modernidade capitalista, da substituição do bioma Caatinga pela fruticultura irrigada destinada ao mercado nacional e internacional. Um estudo mais recente sobre as consequências da Revolução Verde na região do Submédio São Francisco mostrou que nos anos 1970, quando se implantaram os grandes projetos de irrigação, as pequenas propriedades camponesas com menos de 10 hectares na região encolheram.

Outro sujeito institucional muito importante na luta de resistência ao modelo do agronegócio são as organizações não-governamentais (ONGs) que conquistam notoriedade ainda no contexto do golpe militar. Elas se articulam internamente com os movimentos sociais populares e externamente com um movimento internacional contrário à Revolução Verde, que fora do Brasil era forte. Assim a crítica à Revolução Verde chega ao Brasil com muita força.

Finalmente cabe dizer que a lógica do modelo nas três regiões citadas foi a mesma: o agronegócio se impôs sobre a agricultura camponesa. Para isso contou com subsídios do Estado para a expansão da produção de mercadoria, exploração da natureza e acumulação de capital.

Nesse contexto as ONGs se constituem não somente com um discurso crítico de rejeição ao pacote tecnológico, mas pelo compromisso social com o campesinato e também pela perspectiva metodológica dialógica e participativa contra o difusionismo, que é a metodologia que tenta persuadir e impor aos camponeses e campesinas modelos de agricultura exógenos, sem a oportunidade de diálogo e questionamentos. É uma metodologia unidirecional, vertical, utilizada largamente para negar o saber das pessoas do campo. As ONGs adotam a perspectiva de fazer uma ação dialógica com compromisso social com a luta das comunidades. Então tínhamos um conjunto de sujeitos sociais, ONGs, Igreja Católica, movimento sindical, mas também grupos de técnicos dentro de organismos estatais que cumpriram um papel na construção da Agroecologia em Pernambuco.

Novas organizações surgem a partir de meados da década de 1990, como a Rede PTA de Tecnologias Alternativas, estruturada com projetos no Recife e no Sertão. O CTA-0/Caatinga, em Ouricuri, voltado para experimentação participativa, sistematização de tecnologias participativas e para construção do conhecimento mais local. E a Rede PTA que surge no Centro Josué de Castro, no Recife, que tem um papel de sistematização de conhecimentos camponeses e comunicação desses conhecimentos através de uma Rede. A Rede PTA, que em 1993 se transforma no Centro Sabiá, foi importante para a mobilização de pessoas e animação da circulação de informações de conhecimentos entre organizações e pessoas que atuavam com assessoria, extensão, ensino e pesquisa no meio rural.

Resistência à problemática da seca e a criação do Fórum Seca

Como dissemos, no final dos anos 1980 a luta de resistência camponesa em torno da questão da seca se desenvolvia intensamente no município de Afogados da Ingazeira, um lugar emblemático em função da atuação do bispo, Dom Francisco Austregésilo. Ele dizia que o direito à vida é superior ao direito à propriedade, defendendo os camponeses e camponesas que desesperados diante da fome saqueavam supermercados para obtenção de alimentos. Não condenava os saques diante da situação de precariedade em que as pessoas viviam. Outros bispos no Nordeste seguiram a mesma linha como o bispo de Juazeiro, na Bahia, Dom José Rodrigues.

Então, setores da Igreja Católica inspirados na Teologia da Libertação foram nesse período um apoio muito efetivo às lutas das comunidades de base do campo.

E também nesse contexto começamos a discutir a questão da seca a partir de uma perspectiva política junto aos sindicatos de trabalhadores rurais (STRs), aos polos sindicais e à Fetape. Como fazer tecnologias alternativas em um ambiente em que as pessoas estão tão vulneráveis do ponto de vista econômico? Muita gente migrou.

Não tinha mais trabalho no campo, não tinha mais como produzir. Então, começou um debate muito grande e ai decidimos, um conjunto de pessoas e de movimentos sociais, pela criação do Fórum Seca de Pernambuco.

Isto foi uma coisa extremamente importante porque com o Fórum Seca conseguimos chegar a grande mídia e denunciar para a sociedade o que era a situação dos trabalhadores rurais. Fizemos grandes mobilizações para que o governador da época, que era Joaquim Francisco, entendesse as reivindicações dos trabalhadores. Um acontecimento, em particular, marcou muito essa luta: a ocupação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudeste). No dia 05 de maio de 1990 realizamos um grande ato de luta no centro do Fórum Seca, em Serra Talhada, com presença de 10 mil pessoas, a maioria camponeses e camponesas, e de Lúis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

A ocupação da Sudeste foi a alternativa encontrada pelo Fórum Seca, Fetape, STRs e a Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) para conseguir abrirem diálogos com o governo federal. Foram dois dias dentro da Sudeste para conseguir uma audiência em Brasília. Ocuparam até o presidente Itamar Franco anunciar que os receberia. Desse audiência resultou o Programa das Frentes Produtivas, substituindo os programas militares que erram as frentes de emergência. Um conjunto de ações e recursos para a região, para o estado e para os municípios foram destinados e gerenciados por comissões paritárias com representantes do estado e da sociedade civil. Isto representava uma nova forma de gerenciamento político público e de uma nova gestão.

Hoje identificamos uma evolução no campo nacional em relação à Agroecologia. Existem muitas pessoas e muitos círculos formados por instituições não-governamentais e do Estado que desenvolvem práticas favoráveis à promoção da Agroecologia. Dentre elas, instituições governamentais que de fato não é fácil porque a influência ideológica do agronegócio é muito forte. Nesse campo houve avanços significativos, pois se conseguiram os movimentos de agricultura alternativa que existiam anteriormente com o povoatual e encontraram muitos grupos e instituições desenvolvendo Agroecologia, através de trabalhos de pesquisa, ensino e extensão.

Podemos citar os núcleos de Agroecologia (só nove em Pernambuco) dentro de instituições de ensino superior (IES) e institutos de pesquisa como universidades e profissionais e professores e professores que estão comprometidos com a formação de novos profissionais para de uma perspectiva teórica e metodológica mais interdisciplinar e orientada para a sustentabilidade dos processos agrários.

No Nordeste só o cerca de 4 núcleos que funcionam com apoio de órgãos de fomento, além da atuação associativa de ONGs que se organizam e formam redes sociais para fortalecer ações coletivas de extensão, desenvolvimento e sindicais. Ainda como a existência de políticas públicas comunitárias atraídas assim representam e conquistam o movimento agroecológico.

Chálices de CONTEXTO

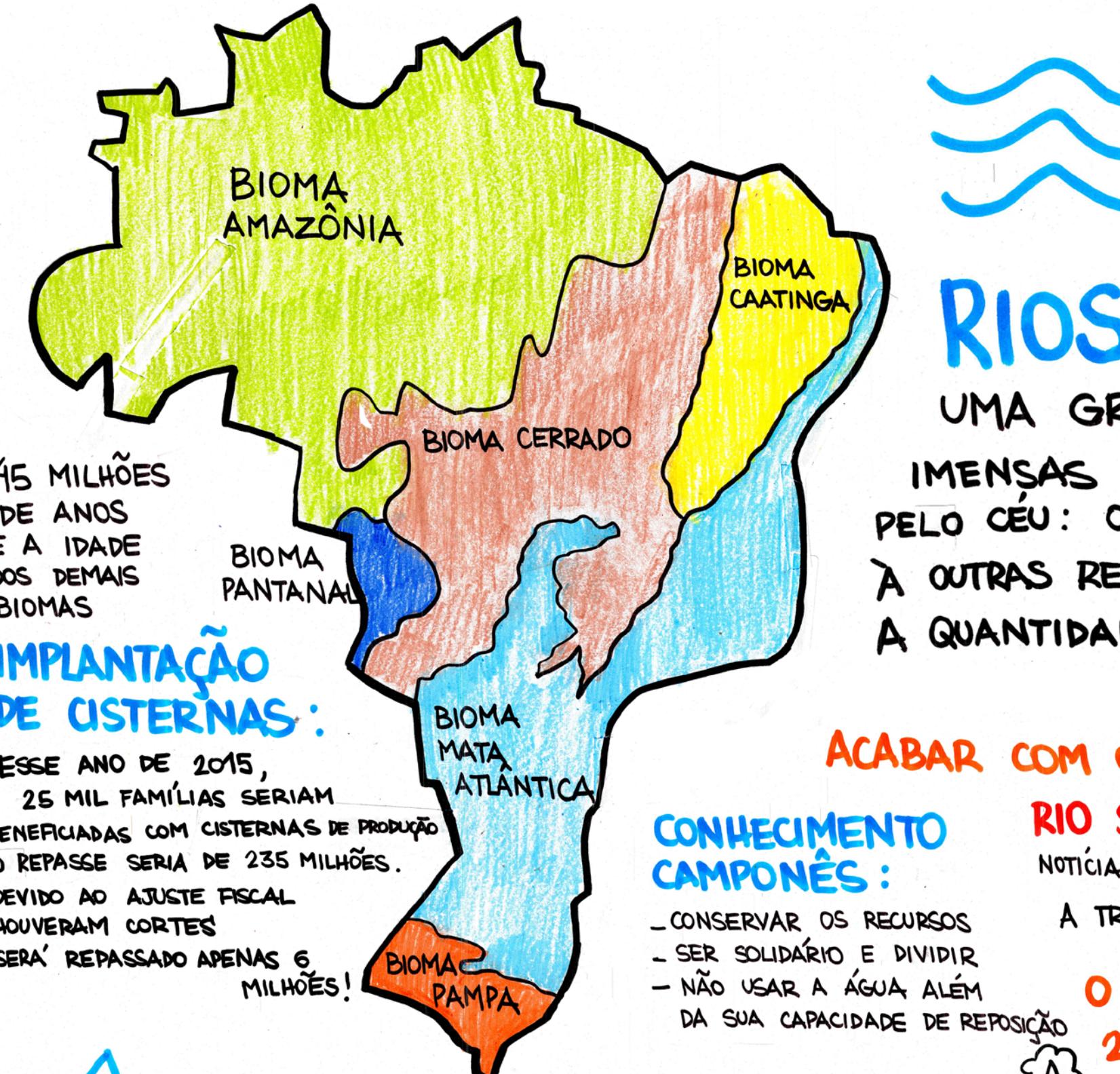
ÁGUA COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE PARA SOBERANIA ALIMENTAR E CONVIVÊNCIA COM SEMIÁRIDO

SEVERINO ADÃO DA SILVA
AGRICULTOR E INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO DO ALTO BANDEIRA,
RIACHO DAS ALMAS (PE)

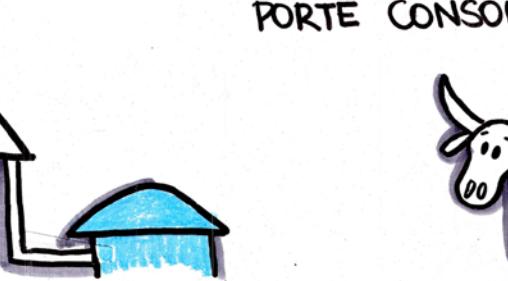
A gente tem que dar valor a cada pingo de água como se fosse o oceano, porque aquilo é muito importante para a gente, você tem que depender daquela porçãozinha para tudo, para o consumo em geral da família. Se a gente não conservar hoje, daqui a três décadas não vai sobrar nada mais para a humanidade. A gente tem que ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque a água é a vida, sem ela não temos nada. Eu tenho meus canteiros, minha horta, meu galinheiro. Tenho meu caderno de anotações em casa, toda quantidade de água que sai da cisterna eu anoto, para saber no próximo dia. Minha cisterna, que conservo e cuido, está quase cheia, a minha é calçadão. Tenho outra pequena para consumo de casa.

Em um pezinho de mamão não é obrigado a pessoa colocar cem litros de água. Coloco num regador, por exemplo, 10 litros num dia e outro não, ou dois dias sim e três não, vai reservando e vai conservando. Muita gente quer colocar logo cem litros para a terra ficar molhada, mas não adianta, porque tem que ser conservado aos poucos para ficar sempre o molhado. Se todo dia você tirar cem litros para um pé de planta, com questão de meses ou dias a cisterna de 52 mil litros vai baixar. Lá em casa somos quatro famílias morando próximo, eu, meu pai e duas irmãs. Tenho meu canteiro, que já serve para a alimentação da família, também galinha e os ovos. Também não é obrigado ser em larga escala, mas tem ali. Se saem 10 ovos por dia, a pessoa divide cinco ovos. A gente vai dividindo, isso é como se fosse meu compartilhar.

Os animais de grande porte consomem muita água. A gente em vez de criar três animais, cria só uma para consumir o leite. Essa mesma vaca, se estiver com uma pessoa que saiba conservar o leite dela, já vai ser para duas ou três casas. Já vai precisar de menos água. Não adianta inventar de criar quatro, cinco, seis, junto ali da família. O capim precisa de um pouco de água e tem que se ajeitar direitinho para todo mundo se unir para que a coisa vá para frente. Porque depois vai acabar o animal, não vai ter a horta para comer saudável, não tem mais o ovo nem a galinha. Porque se acaba de uma vez, fica pior para todo mundo, tem que conservar direitinho pra ir pra frente.



"CADA PINGO DE ÁGUA NO AGreste TEMOS QUE VALORIZAR COMO SE FOSSE O OCEANO!"



SABIA' INSTALOU 54 CISTERNAS, ALGUMAS SÓ ENCHERAM 10% DA CAPACIDADE, PORQUE NÃO CHOVEU.



PLANEJAMENTO É NECESSÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO



RIOS VOADORES

UMA GRANDE DESCOBERTA!

IMENSAS MASSAS DE VAPOR DE ÁGUA QUE VIAJAM PELO CÉU: O VAPOR DE ÁGUA DA BACIA AMAZÔNICA CHEGA À OUTRAS REGIÕES COMO O SUDESTE. A QUANTIDADE DE VAPOR EQUIVALE AO VOLUME DO RIO AMAZONAS

ACABAR COM O CERRADO É ACABAR COM A VIDA!

RIO SÃO FRANCISCO → CONSUMO DE 91 M³/s

NOTÍCIA SOBRE O NÍVEL DO LAGO DE SOBRADINHO: 10% - 11/09/15

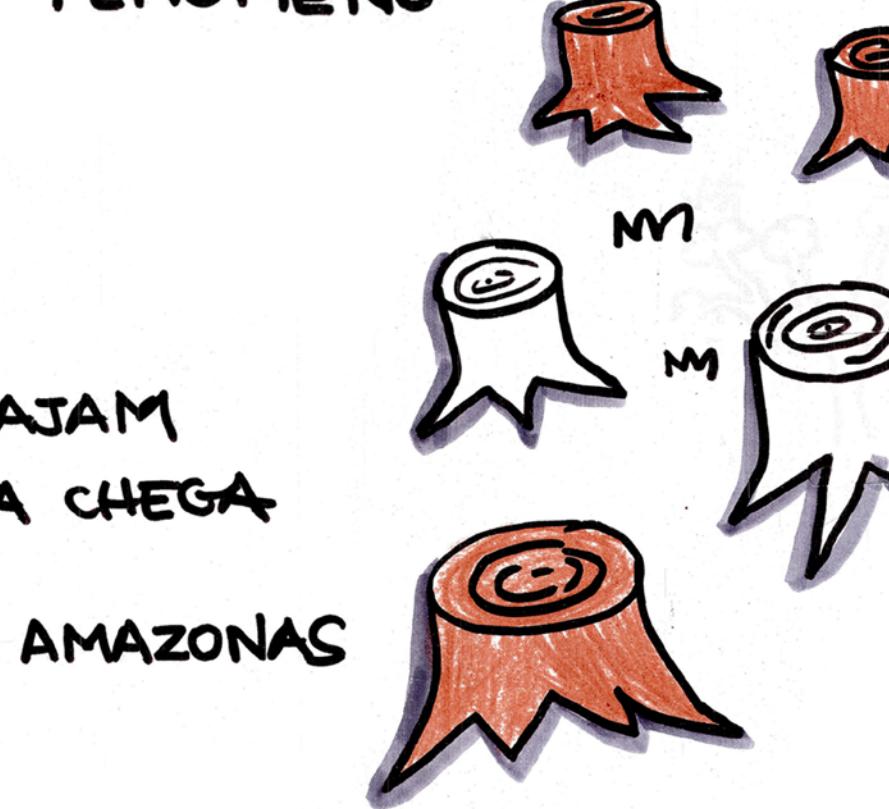
A TRANSPOSIÇÃO TEVE IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS 4,9% - 26/10/15

O PANORAMA PARA OS PRÓXIMOS 2 ANOS É DE POUCA CHUVA!

AS PESSOAS ACABAM NÃO UTILIZANDO A ÁGUA COM CONSCIÊNCIA, CADA UM TEM QUE FAZER A SUA PARTE!

MESMO COM CISTERNAS MUITOS AINDA FAZEM QUEIMADAS USAM VENENOS E NÃO PLANTAM ÁRVORES

O DESMATA
MENTO ATRAPALHA
ESSE FENÔMENO



CERRADO

+ DE 65 MILHÕES DE ANOS

"UM SENHOR IDOSO!"

O CERRADO SOFRE COM O AGRO NEGÓCIO E ISSO LEVA AO FIM DOS RIOS E DOS LENÇÓIS FREÁTICOS TAMBÉM ESTÁ HAVENDO EXTINÇÃO DA FAUNA E FLORA.

HA' 3 AQUÍFEROS UM ABAIXO DO OUTRO

↓
AQUÍFERO GUARANI: O MAIOR DO MUNDO

MATOPIBA → ESTADOS CENTRAIS DO AGRO NEGÓCIO (PARTE DO BIOMA CERRADO)

O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Ruriedades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãs e cidadãos, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, de movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Relemos os debates sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Sólida, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram frutos desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, agora escrito, foi obtido de maneira gravada. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como o relato. Também partilhamos os painéis, resultados da elaboração gráfica de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com o formato de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leturas individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação on-line. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema chegar a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temas a discutir que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastaria difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, acreditamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

EXPEDIENTE:
Organização e edição:
Catarina de Andrade (DRT/PE 477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineiros ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberto Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis
www.centrosabiab.org.br

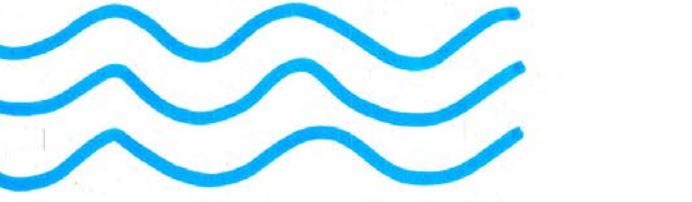


Rua do Sossego, 355,
Santo Amaro, Recife - PE,
CE 50005-080
www.centrosabiab.org.br

ANTONIO BARBOSA

COORDENADOR DO PROGRAMA UMA TERRA E DUAS ÁGUAS E DO
PROGRAMA SEMENTES DO SEMIÁRIDO DA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO
BRASILEIRO (ASA)

Os biomas – Semiárido, Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia, Pampas, outros – não são necessariamente só espaços geográficos, paisagens e ambientes singulares. Possuem características que são únicas, mas também são compostos de um conjunto de particularidades que os aproximam e estabelecem forte relação de interdependência. Durante muito tempo se acreditou que os impactos sofridos por um bioma afetavam apenas ele mesmo, porém, numa perspectiva de corpo perfeito, o que se percebe hoje é que alterando características de um bioma qualquer, os demais são afetados. Os biomas são resultados da evolução do Planeta. No Brasil, o bioma mais antigo, um dos mais antigos do Planeta Terra, é o Cerrado que tem 65 milhões de anos. A Terra por sua vez tem algo em torno de quatro bilhões e seiscentos milhões de anos. Mesmo os biomas mais novos, o Semiárido, por exemplo, já tem 45 milhões de anos. Toda vez que se alteram as características naturais e a lógica de funcionamento de um bioma, com ele, condena-se todo o Planeta. Presente e futuro.



RIOS VOADORES

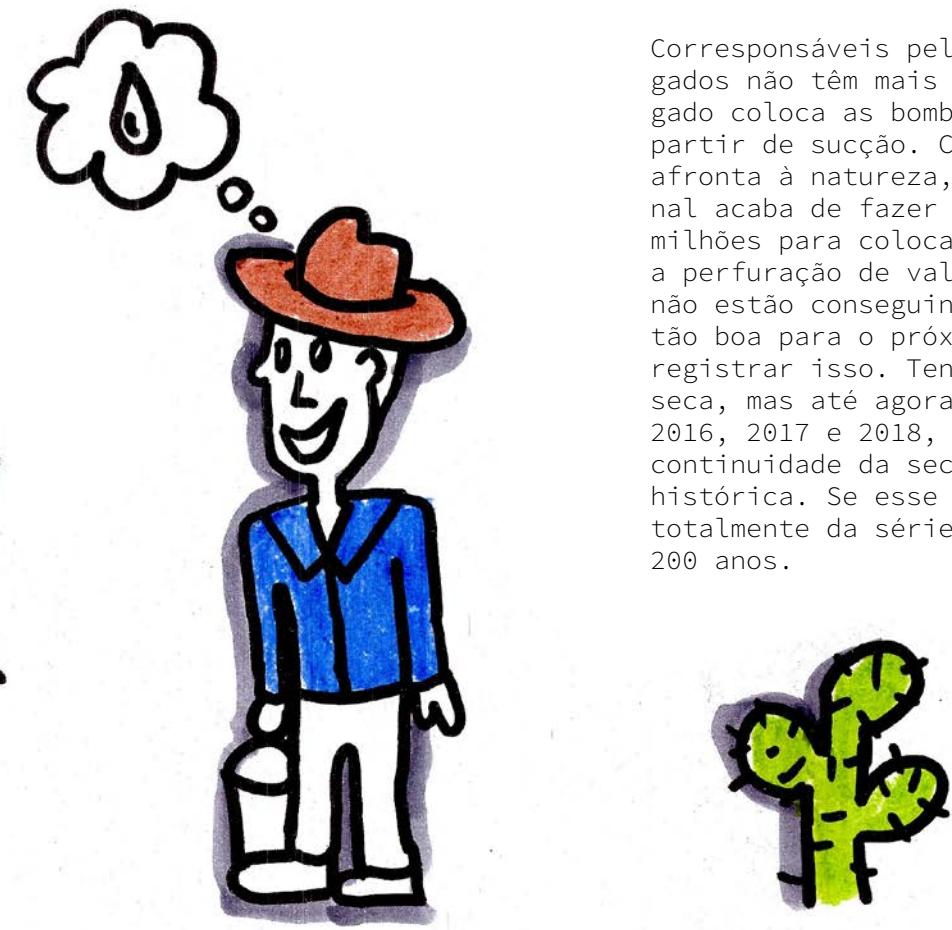
Rios Voadores

Todo mundo sempre acreditou que devastando a Floresta Amazônica iríamos ter vários problemas com a questão do ar, do oxigênio, problema de CO_2 , etc., na verdade, quando se observa a interrelação dos biomas, percebe-se que não é só isso, que a Floresta Amazônica cumpre um conjunto de outras funções. Toda chuva que vem para o continente, que vem do oceano, quando passa por cima da Floresta Amazônica bombeia aquela massa de ar e faz com que se transforme em chuva. A floresta bombeia a atmosfera não só de ar, mas de pequenas partículas que faz com que a massa se transforme em chuva. E cheve novamente na Floresta Amazônica. Só que a Floresta é tão grande, emite tanto ar, que uma parte do ar que vem em forma de chuva cai na própria floresta, a outra parte da massa de ar continua e encontra a Cordilheira dos Andes, volta e

começa a distribuir água para o resto do Brasil, sobretudo no período do Verão na região Centro-Oeste e nas regiões Sul e Sudeste.

A maior parte da alimentação de água no Brasil depende da Floresta Amazônica, dos chamados Rios Voadores. Nos Rios Voadores a quantidade de água que passa por cima, no ar, chega a ser superior ao volume do Rio Amazonas. E o problema é que toda vez que se desmata a Floresta Amazônica a capacidade desse rio vai diminuindo. A capacidade de a floresta bombardear o ar diminui. Muita gente, inclusive, alguns pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE), tem dito que o desmatamento da Floresta Amazônica pode ser um dos principais motivos da seca severa no Sudeste.

ACABAR COM O CERRADO É ACABAR COM A VIDA!



Cerrado que guarda água

Respeitado estudioso do Cerrado brasileiro, o professor Altair Sales, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás, tem reafirmado que o Cerrado tem características que são só dele, mas que pode desaparecer. O Cerrado é um bioma que já é um senhor, que chegou num certo nível que não pode se dar ao luxo de se refazer novamente. O professor diz que não são só as árvores e os animais que o Cerrado tem perdido, mas que ele está perdendo capacidade de armazenar água. Se na Caatinga as árvores têm uma raiz bem rasa, no Cerrado é o inverso. Para cada metro de árvore para fora do Cerrado, há dois metros para dentro da terra. É como se fosse uma árvore de cabeça para baixo. Árvores com raízes imensas fazem processo de troca de água o tempo todo, alimentam o subsolo e ao mesmo tempo se alimentam. O Cerrado é conhecido como a caixa d'água do Brasil. Na região existem pelo menos três grandes aquíferos, em alguns lugares um aquífero está debaixo de outro. A maioria dos rios do Brasil nascem no Cerrado, alimentam as bacias que suprem de água os demais biomas e, assim, devolvem a água dos rios voadores para a região Amazônica e também levam água para o Semiárido através do Rio São Francisco.

As águas dos rios que nascem no Cerrado também descem para a região Sul e alimentam a Argentina e o Uruguai. Tudo nasce necessariamente nos Cerrados, mas ele é o bioma mais impactado hoje pelo agronegócio e toda política pensada para a região parte do seu potencial de grande produtor de grãos. Numa perspectiva de recurso infinito, o governo brasileiro desconsidera as características e a importância do Cerrado. De forma criminosa, a ministra Kátia Abreu, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), tem trabalhado para mais um golpe no Cerrado, a implantação do Projeto Matopiba – projeto que leva as iniciais dos estados Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia – que pretende ampliar as áreas plantadas e devastar as áreas ainda preservadas do Cerrado nesses estados. Só que isso tem um impacto muito grande, porque acabar com o Cerrado significa dizer poder acabar com a nascente dos rios, com parte da Floresta Amazônica, ou seja, com a vida no Brasil. E não só isso, há influências gerais na vida do Planeta. Nesse ritmo, o Cerrado pode desaparecer de uma forma geral em 2030.

Rio São Francisco

CONHECIMENTO

CAMPONÊS:

- CONSERVAR OS RECURSOS
- SER SOLIDÁRIO E DIVIDIR
- NÃO USAR A ÁGUA ALÉM DA SUA CAPACIDADE DE REPOSIÇÃO

Ajuste fiscal e comprometimento de ações

E neste cenário de destruição dos biomas e rios, ainda temos no campo do direito à água para beber e produzir alimentos uma outra situação que colocar em risco todo avanço que tivemos nos últimos anos no Semiárido, conquistas no campo da agricultura, de agricultores, de famílias, de tudo.

Os programas da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), Programa Cisternas nas Escolas e Programa Sementes do Semiárido estão comprometidos em suas execuções por conta do ajuste fiscal. Estamos falando isso em um período de grande crise da questão da água no Semiárido.

Nós temos vivenciado uma crise atrás da outra e as perspectivas não são boas. Significa dizer que a gente vai precisar fazer alguma coisa, porque não dá para ficar parado. Ao tempo em que nós perdemos isso, no ano de 2015 o governo brasileiro vai fechar a cifra histórica de R\$ 600 bilhões de pagamento de juros da dívida. Ou seja, todo o dinheiro que o Estado arrecadou, cerca de 43%, é só para pagar juros da dívida. Esse é o dinheiro que não está indo para lugar nenhum. Esse é o dinheiro que está saindo, que inclusive poderia ser para fazer o investimento em estruturas hídricas. Na água.

*Apresentação de dados realizada em outubro de 2015.



CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO DE BAIXO IMPACTO E O FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

JOSÉLÂNEA GOMES DA SILVA

AGRICULTORA AGROFLORESTAL, INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO PRODUTIVA DO
ASSENTAMENTO DO ENGENHO AMARAJI, DO NÚCLEO GESTOR DA UNIDADE DE
BENEFICIAMENTO DE POLPAS NO ASSENTAMENTO AMARAJI E DA REDE DE
AGROECOLOGIA DA MATA ATLÂNTICA (RAMA), RIO FORMOSO (PE).

É uma importância muito grande quando a gente vê que o nosso trabalho no campo não está ficando só lá e quando ele vai para a comercialização a gente dá uma importância maior aos nossos produtos. No produto agroecológico a gente tem o contexto não da economia em si, mas sim da saúde. Eu vejo como muito importante quando a gente passa isso para o consumidor. Quando a gente vê que quando tem festividade os professores levam os alunos que são ali da cidade para visitar aquela feira e isso é importante. Porque muitos alunos que estão na cidade são do campo e muitas vezes não reconhecem a sua realidade.

Mas também vejo a realidade de muitos agricultores que produzem, levam para comercializar, mas não se alimentam daquele produto. É uma contramão porque a gente quando começou a trabalhar com Agroecologia foi porque vimos que primeiramente era para a gente ter uma alimentação saudável para nós. Acredito que para que a Agroecologia seja fortalecida é necessário a cada dia ter mais técnicos reforçando os agricultores na comercialização. Como na feira da quarta-feira de Rio Formoso, que a gente mostra para o nosso município que os agricultores sem-terra estão trabalhando no campo, trazendo alimentos saudáveis para a população. Não só em Rio Formoso, porque também estamos começando a comercializar lá em Porto de Galinhas. Também foi uma briga muito grande do Conselho, do Centro Sabiá e dos agricultores com o pessoal da educação e também da prefeitura para inserir a alimentação agroecológica na alimentação escolar. Foi uma briga travada em dois ou três anos, mas graças a Deus estamos conseguindo avançar nesse campo. Então para nós é uma conquista.



ECONOMIA
ÓTICOS - NOMIA
GESTÃO DA CASA

A ECONOMIA CAPITALISTA
NÃO DEU CONTA DE CUIDAR
DA CASA.

CAPITALISMO

O VALOR DE TROCA É MAIOR
QUE O VALOR DE USO.

"ENQUANTO HOUVER
CAPITALISMO NÃO HAVERÁ
EDUCAÇÃO LIBERTADORA,
TERRA PARA TODOS,
E O FIM DA
EXPLORAÇÃO DOS
HUMANOS PELOS
HUMANOS."

COMPETIÇÃO

CONCENTRAR
RIQUEZA NAS
MÃOS DE POUcos

DEGRADA O
MEIO AMBIENTE
SEPARA
O HOMEM
DA NATUREZA.

LÓGICA DO
LUCRO

OPPRESSÃO
DO TRABALHADOR,
DA MULHER,
NEGROS,
INDIOS,
HOMOSSEXUAIS...

TUDO É MERCANTILIZADO;
INCLUSIVE AS PESSOAS.



Cháliases de CONTEXTO

O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Plano de Desenvolvimento Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãos e cidadãs, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Relembremos os debates sobre a Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Solidária, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de compartilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, agroescrito, foi obtido por meio de gravações. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como o relato. Também partilhamos os painéis, resultados e o relatório gráfico de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material vem com a forma de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto principal referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação do conteúdo. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não englobam os temas e temas a tarefas que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastante difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

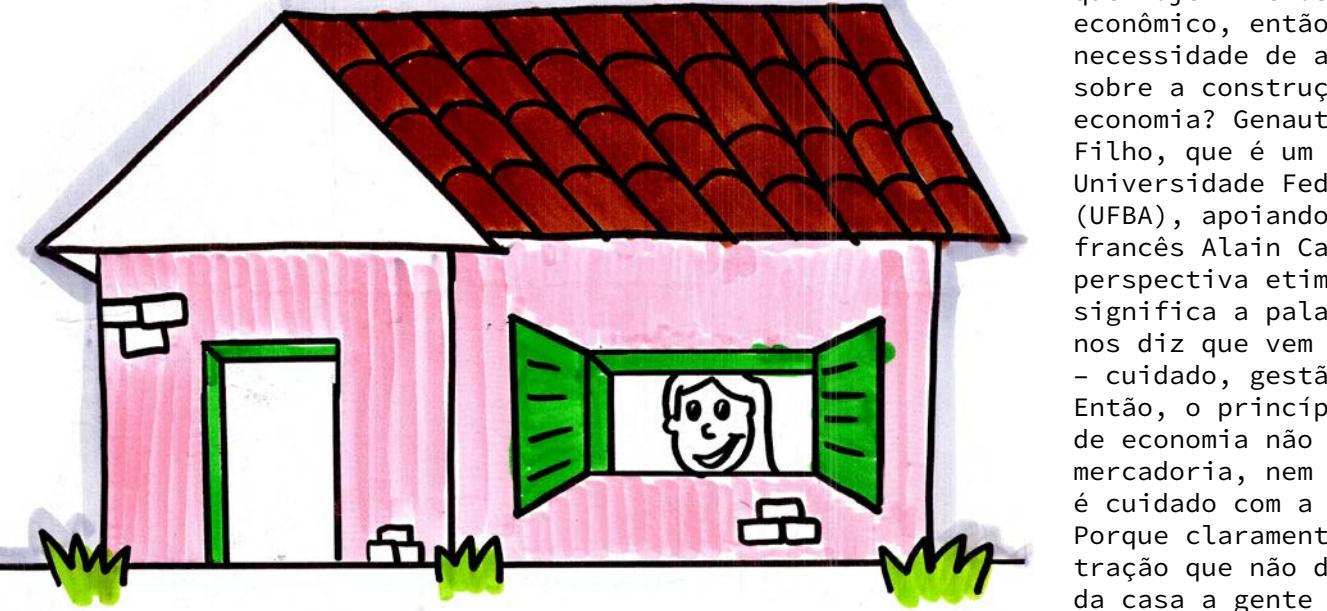
EXPEDIENTE:
Organização e edição:
Catarina de Araújo (DRT/PE 4477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineiras e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberta Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis
www.centrosabi.org.br



JOSÉ NUNES DA SILVA

AGRÔNOMO, DOUTOR EM SOCIOLOGIA/UFPE, PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UFRPE, ATUALMENTE, COORDENADOR DO CENTRO DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA DO NORDESTE/SENAES-MTE.

ECONOMIA OIKOS - NOMIA GESTÃO DA CASA

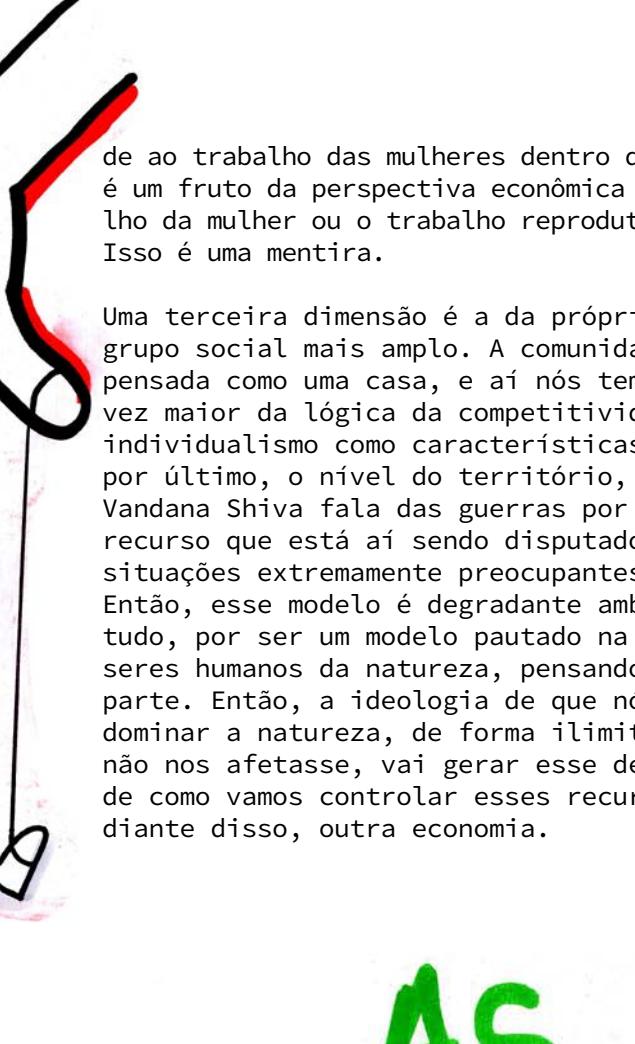


Quando fazemos essa discussão precisamos começar a discutir um pouco do que a gente entende por economia. Infelizmente, o conjunto de ideologias passadas pela escola, pela família, pelos governos e pela nossa própria realidade, faz com que quando a gente fala de economia, a primeira perspectiva que nos vem é a economia capitalista. Nessa economia capitalista dizemos que o valor de troca das coisas é superior ao valor de uso. Ou seja, o preço que ela vale em uma determinada moeda é superior ao que realmente a gente precisa usar daquela coisa. Então, a roupa melhor é a mais cara e não a roupa que cobre meu corpo por inteiro ou da forma que eu queira cobrir. A comida melhor é daquele restaurante mais caro, não é a comida que me nutre mais. E nesse esquema de tudo ter preço, todas as coisas são mercantilizadas. Ou seja, uma das grandes ou principais características dessa economia é transformar tudo em mercadoria, inclusive alimentos e pessoas. Nossos corpos também foram transformados em mercadorias. E essa transformação de tudo em mercadoria está associada a uma lógica de produzir lucro e concentração de riqueza na mão de poucos. Grossso modo, essas são as características desse modelo capitalista.

Outros tipos de economia

No entanto, as sociedades humanas não viveram apenas esse tipo de economia. Esse tipo de economia tem um período que surge como economia hegemônica, mas nós já passamos pelas economias chamadas primitivas, tribais, pela economia feudal, pelas experiências de economias socialistas em várias partes do mundo, que tem outros princípios. Mas se considerarmos que hoje vivemos nesse modelo econômico, então por que há necessidade de a gente falar sobre a construção de outra economia? Genauto França Filho, que é um professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apoiando-se na obra do francês Alain Caillé, retoma a perspectiva etimológica do que significa a palavra economia e nos diz que vem de Oikos Nomia - cuidado, gestão da casa. Então, o princípio do conceito de economia não tem a ver com monetarização, nem de mercadoria, nem das pessoas. Se é verdade que economia é cuidado com a casa, por que pensar em outra economia? Porque claramente a economia capitalista já deu demonstração que não deu conta de cuidar da casa. E o cuidar da casa a gente poderia apontar em pelo menos quatro dimensões. A primeira casa somos nós, pessoas, sujeitos e indivíduos.

Ora, esse tipo de economia não deu conta de cuidar de nós como sendo a casa. É uma economia pautada na superexploração do trabalho humano, nas opressões, na mercantilização das pessoas, na imposição de padrões sobre as pessoas, no sentido inclusive estético, principalmente sobre as mulheres. O que é a mulher bonita do capitalismo? Seminua, onde a opressão do machismo está explícita. Há um conjunto de exposições que geram preconceitos e consequentemente geram opressões. Com as pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs), com as pessoas negras, com as pessoas gordas que não estão dentro de um padrão estético, cobrado inclusive por essa economia. E outros tipos de opressões como a perspectiva de construir uma sociedade vinculada a essa economia, a partir da heteronormatividade, que é a hegemonia da orientação sexual hetero. Se a gente avança o nível da casa como sendo a família, nós vamos encontrar um conjunto de identidades de gênero e, inclusive, de geração, quando ainda prevalece os ditames patriarcais, o machismo. E isso leva a desconsideração do papel dos jovens e das próprias mulheres dentro da família. Essa é a razão de o tempo todo a gente precisar falar da importância de se dar visibilida-



de ao trabalho das mulheres dentro da agricultura. Isso é um fruto da perspectiva econômica que diz que o trabalho da mulher ou o trabalho reprodutivo não tem sentido. Isso é uma mentira.

Uma terceira dimensão é a da própria comunidade e do grupo social mais amplo. A comunidade também pode ser pensada como uma casa, e aí nós temos o avanço cada vez maior da lógica da competitividade e da lógica do individualismo como características dessa economia. E por último, o nível do território, do próprio Planeta. Vandana Shiva fala das guerras por água, que é um recurso que está aí sendo disputado mundialmente, com situações extremamente preocupantes em todo o Planeta. Então, esse modelo é degradante ambientalmente, sobre tudo, por ser um modelo pautado na desvinculação dos seres humanos da natureza, pensando-os como seres à parte. Então, a ideologia de que nós somos capazes de dominar a natureza, de forma ilimitada, como se isso não nos afetasse, vai gerar esse descuido com a casa, de como vamos controlar esses recursos, para pensar diante disso, outra economia.

E, por último, talvez o nosso horizonte e o nosso projeto, o avanço das economias não-monetarizadas. Alguns povos indígenas, algumas comunidades campesinas, ainda vão manter mais fortemente o que o francês Marcel Mauss chamou de Economia da Dádiva, baseada na reciprocidade, que é fundamentada em três princípios: dar, receber e retribuir. Como é que esses alimentos, esses outros bens, circulam a partir desse tipo de economia?

AS FEIRAS DEVEM SER ESPAÇOS POLÍTICOS E ESTREITAR LAÇOS ENTRE PRODUTORES E CONSUMIDORES

O próprio Genauto França Filho fala em economia plural, porque como, aparentemente, nós estamos tentando uma transição dentro do próprio sistema capitalista, ela vai ser uma combinação de algumas estratégias, inclusive da estratégia mercantil. Dentro da economia solidária também se pratica a estratégia mercantil, onde se vendem mercadorias, e como a gente começa a discutir dentro das estratégias mercantis, na economia solidária, a questão do preço justo e outras formas, porque nós ainda estamos utilizando essa estratégia. Tem mercadoria, tem valor de uso, tem valor de troca, tem preço, tem moeda no meio, então tem circulação monetária.

Economia Solidária

A economia solidária surge no Brasil, inicialmente, como enfrentamento ao desemprego estrutural do capitalismo. No entanto, essa perspectiva vem sendo questionada, no sentido de dizer: "nós queremos falar de algumas práticas de economia solidária também para aquelas pessoas que por livre opção têm outra forma de trabalho". Um trabalho autônomo baseado em duas características: coletivo e sem patrão. E aí vai ganhar diferentes formas, como associações, grupos informais, cooperativas, etc. Não necessariamente requer uma formalização. Em Pernambuco, temos observado duas questões interessantes em diálogo com a Agroecologia.

Majoritariamente as experiências de economia solidária em Pernambuco e no Nordeste são protagonizadas por mulheres, com uma grande presença de mulheres negras. E essas experiências estão concentradas em sua maioria nos espaços rurais. Tanto com produção agrícola, como produção não-agrícola, de artesanato e outras coisas mais. E crescem basicamente em quatro campos: o campo da produção de diferentes bens (agrícola e não-agrícola); o campo da comercialização, seja a comercialização institucional, as feiras, os pontos fixos; o campo das finanças, e aí temos um conjunto de experiências, como os Fundos Rotativos Solidários (FRS), os bancos comunitários, cooperativas de crédito; e o campo do consumo (cooperativas de consumidores, clubes de trocas, etc). Produção, comercialização, finanças e consumo seriam os quatro campos em que essas experiências avançam. Somente pensando o campo da comercialização, sem dúvida os circuitos curtos, sejam eles institucionais ou não, são uma alternativa que vai permitir avançar na redução desse impacto tanto ambiental, como na vida das pessoas.

Feiras Agroecológicas como espaços solidários

As próprias feiras trazem desafios na construção de processos educativos, acho que a educação também precisa estar ligada à desconstrução desses valores que caracterizam essa economia capitalista, para que as feiras não se tornem apenas espaços de venda de mercadoria. As feiras precisam se constituir em espaços educativos, que reconstruam esses valores e que possam contribuir com o rompimento do assistencialismo. Como o debate da economia solidária, no meu entendimento, deve fortalecer laços, apresentando-se como uma alternativa econômica da transição agroecológica. A gente não fala da transição agroecológica? Ela tem a transição produtiva, tem a transição social, tem a transição cultural e precisa ter a transição econômica. E há um elemento de que a gente precisa avançar um pouco: como o debate entre economia solidária e a economia ecológica se encontram. Para a gente poder dar conta disso, porque mesmo que a dimensão econômica tem que dialogar com

as outras. E as reações obviamente vão surgir desse. Não adianta falar a discussão da economia solidária, da educação e da reforma agrária se não pensarmos as lutas anti-capitalistas. Se enfrentar o capitalismo como modelo de desenvolvimento nós vamos chegar em pique d'água. Porque enquanto houver capitalismo não há um espaço de liberdade, enquanto houver capitalismo não haverá espaço para todos, enquanto houver capitalismo não deixará de haver explorações de homens e das mulheres sobre outros homens e outras mulheres.



EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA AO CAMPO

COMO ESTRATÉGIA PARA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

JOYCE QUEIROZ DE ALENCAR
PROFESSORA NO ASSENTAMENTO DO ENGENHO MATO GROSSO
DE BAIXO EM RIO FORMOSO (PE)

A escola não é minha, que sou professora, não é do filho de quem estuda lá, é da comunidade. Mas às vezes a comunidade não tem muito interesse, só alguns, e a gente tem desafios para quebrar. A educação é muito importante para fortalecer porque lá na escola sou professora de alunos de creche até o 1º ano, são seis anos. Tenho que dar conta de tudo. A gente trabalha muito mostrando a realidade deles. O livro não é muito bom, mas a gente contextualiza com a vivência do aluno. Se o aluno é do campo, nós vamos trabalhar com ele o campo. Eu crio uma situação voltada para aquela vida, aquele cotidiano. Muitos professores dizem: você está estudando pra quê? Para cortar cana? Já gerando um impacto, mostrando a ele que aquele tipo de trabalho não é favorável, mas é.

Nós professores queremos capacitar para que eles pensem melhor o que eles querem da vida, para que ele seja um ser humano sociocrítico na humanidade, para que ele faça história. O que veio fortalecer nosso trabalho - porque já trabalhávamos com a Agroecologia na escola com a contextualização - foi o Centro Sabiá. Outro dia perguntei aos alunos o que fazia parte da natureza. E eles sempre falavam as plantas, animais, mas nunca se colocavam como natureza. E a partir do momento que não se colocam como natureza tudo passa e eles não estão nem aí. Mas a partir do momento em que eu intervenho, mostrando que ele é o mantedor daqui, que ele é o cuidador, é que as transformações começam a aparecer. Na escola é um trabalho de formiguinha, mas um dia a gente consegue.



FETAPE AFIRMOU DESDE 1997
UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
NÃO É EDUCAÇÃO NO CAMPO
É EDUCAÇÃO DO CAMPO!

→ PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO CONTEXTUALIZADA

- DEFENDE UM MODELO DE SOCIEDADE PAUTADO NA SUSTENTABILIDADE, JUSTIÇA, E SOLIDARIEDADE.
- PRÍNCIPIOS DA AGROECOLOGIA.
- PROCESSO EDUCACIONAL COMO EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO.

→ CENÁRIO

- 20,8 % DE ADULTOS ANALFABETOS NO CAMPO.
- ESCOLARIDADE MÉDIA DE APENAS 4,4 ANOS DE ESTUDO.
- FECHAMENTO DE 37 MIL ESCOLAS NO CAMPO NOS ÚLTIMOS 11 ANOS.
- 49% DOS ESTUDANTES DE 1º A 4º SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL ESTÃO EM ATRASO.
- DAS ESCOLAS DA ÁREA RURAL, 83% SÃO MULTISERIADAS OU MISTAS E 40% TEM APENAS UMA SALA DE AULA.

CIDADES COM MENOS DE 50 MIL HABITANTES SÃO CIDADES RURAIS.*

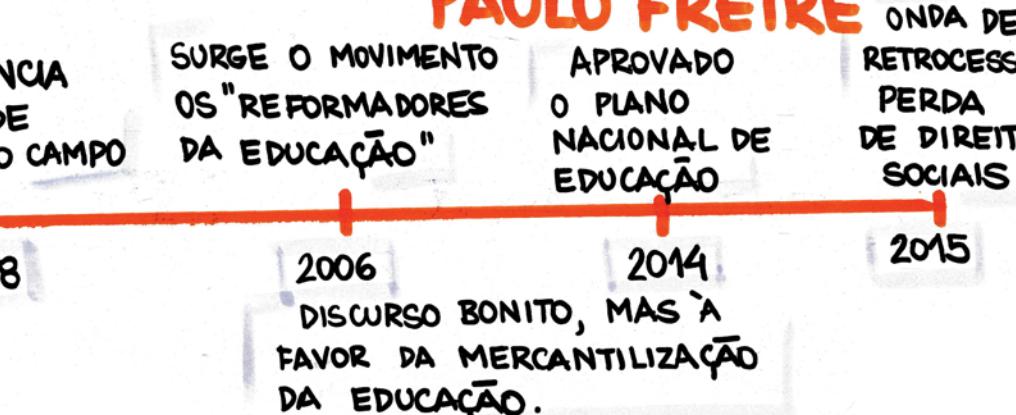
*VIDAL

NO SEMIÁRIDO A MAIOR PARTE DAS CIDADES SÃO RURAIS E NÃO RECONHECER ISSO FORTALECE O AGRONEGÓCIO...



A EDUCAÇÃO SERVE PARA OPRIMIR OU LIBERTAR.
"QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTADORA, O SONHO DO OPRIMIDO É SER OPPRESSOR!"

PAULO FREIRE



NOSSA EDUCAÇÃO REPRODUZ O MODELO DE SOCIEDADE VIGENTE, SERVE À PRODUTIVIDADE DO CAPITAL.



"A EDUCAÇÃO, BRASILEIRA É UM FRACASSO!"
PRECISAMOS DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA!
MUDAR O PARADIGMA, PARA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA AO CAMPO!



A VIVÊNCIA DA EDUCADORA JOYCE

É UM DESAFIO
ENVOLVER A COMUNIDADE,
MOSTRAR SUA IMPORTÂNCIA
PARA A EDUCAÇÃO

MUITOS PAIS TEM
PRECONCEITO, ACHA QUE
O JOVEM TEM QUE SAIR
DA COMUNIDADE PARA
TRABALHAR FORA.

MOSTRANDO AO ALUNO
QUE ELE É O CUIDADOR
DA NATUREZA, ELE
SENTE-SE PARTE
DELA.

SE O ALUNO
É DO CAMPO,
TRABALHAMOS COM
ELE AS QUESTÕES
DO CAMPO.

EM NOSSO
MUNICÍPIO AVANÇAMOS:
CONSTRUIMOS O PPP
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.

O TRABALHO NA ESCOLA
E DE FORMIGUINHA, MAS
UM DIA A GENTE
CHEGA LÁ.

TRABALHAMOS EM CONJUNTO.
VOU ME MODERNIZAR LEVANDO
CONTEÚDOS DA VIDA AO ALUNO.

EXPEDIENTE:
Organização e edição:
Catarina de Angelo (DRT/PE 4477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberta Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis

Cháliases de CONTEXTO

O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Plano Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãos e cidadãs, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Releitmos e debatemos sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Sólida, Educação Contextualizada, Dietos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação, temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, agora e sórrio, foi obtido por meio de reuniões. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como o relato. Também partilhamos os painéis, resultados das relações gráficas de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material vem com o formato de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação entre os temas. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema chegar a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises trazidas nesse texto não esgotam os temas e temas aí que estão, estamos dispostos por momento conjuntural no Brasil, bastante difícil para quem aí é da campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, acreditamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, com também contribuir com nossos processos de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!



Rua do Sossego, 355,
Santo Amaro, Recife - PE,
CE 50.005-080
www.centrosabi.org.br

SONIA MARIA DOS SANTOS
INTEGRANTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA
AGRICULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO (FETAPE)/COMITÊ DE
EDUCAÇÃO DO CAMPO/PE


A EDUCAÇÃO SERVE PARA OPRIMIR OU LIBERTAR.
"QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTADORA, O SONHO DO OPRIMIDO É SER OPPRESSOR."
PAULO FREIRE

A Fetape compõe um Movimento Nacional de Educação do Campo, representado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (Contag). A Política de Educação do Campo é afirmada desde 1997, tendo como marco o Encontro Nacional dos Educadores das áreas da Reforma Agrária (Enera), no qual se constitui a luta pelo direito à educação, tendo como nomenclatura Educação do Campo, considerada forte e contundente para a afirmação da política que leve em conta a identidade dos sujeitos e seu pertencimento a esse espaço, que é o campo. A Rede de Educadores do Semiárido Brasileiro (Resab), que também compõe esse movimento nacional, trazendo a perspectiva da educação contextualizada, considerando o contexto do Semiárido.

Qual o campo da Educação do Campo?

As pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) têm apresentado um campo sem gente. A população rural evadindo cada vez mais para os centros urbanos. Porém, o que os movimentos sociais e sindicais apresentam é o campo enquanto espaço de vida, de reprodução da vida, um território de pertencimento.

Negar essa realidade é interesse das oligarquias agrárias, em que predomina a ideia do campo para produzir, acumular riqueza, fortalecendo o capital agrário.

A educação do campo afirma o campo, bem como os sujeitos que nele moram e trabalham. Os estudos de José Eli da Veiga dizem que para definir um território não é só necessário considerar o lugar onde a pessoa mora, mas toda condição de produção, de geração de vida desse lugar. E para isso, as cidades com menos de 50 mil habitantes são consideradas cidades rurais, onde sua produção maior é a produção agrícola. Essa afirmação do José Eli da Veiga mostra que, por exemplo, no Semiárido brasileiro as cidades são rurais. Portanto, não reconhecer e negar isso, é afirmar que esse campo é o campo da grande produção, isto é, a lógica do agronegócio.

Pautar a educação do campo também é afirmar um projeto de sociedade. Que não é do agronegócio, da produção para exportação em alta escala, produzida à base das commodities e do agrotóxico. É afirmar o campo da agricultura familiar camponesa, da produção agroecológica. Então, o modelo de sociedade que nós defendemos e pautamos afirma a educação do campo, a educação de convivência com o Semiárido, propõe outro modelo de sociedade, que é um modelo de sociedade onde o princípio seja do sustentável, do justo e do solidário.

E o que é educação nesse contexto?

Temos na história da educação brasileira índices referentes ao acesso à educação muito negativos. O analfabetismo, a evasão escolar, a distorção idade x série, principalmente para a população do campo. A ideia reforçada era que para desenvolver o trabalho na roça não é necessário ser escolarizado. A educação serve como condição para você oprimir ou se libertar. A educação tem um papel importante na vida das pessoas. Paulo Freire afirma que: "quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor". E isso se apresenta muito forte na sociedade. Paulo Freire denominou esse modelo de educação bancária, onde não reconhece os conhecimentos já elaborados pelas pessoas através de sua práticas sociais e de trabalho, olhando como um ser vazio, que receberá depósito de conhecimentos fabricados, servindo para atender os interesses de quem domina e precisa se manter. No caso da nossa educação, serve para sustentar o modelo de sociedade vigente.

A educação deve ocorrer na perspectiva de ser emancipadora dos sujeitos, transformá-los em sujeitos críticos, independentes, históricos. Ter a condição de que a escola, o processo educacional, contribua na construção da emancipação dos sujeitos. Essa afirmação se constitui em mudança de paradigma da educação conservadora para a educação transformadora. No campo, a educação rural é a educação que serve para o mercado, que produz conhecimento para fortalecer a força produtiva. Na educação libertadora, na qual a Educação do Campo vai se sustentar, o conhecimento serve para transformar os sujeitos e consequentemente transformar a realidade.



O que apresenta a realidade?

Vivemos em uma crise, todos falam da crise, a crise econômica, a crise da água, a crise ecológica. A crise está posta. Mas ela é um fenômeno do modelo capitalista. Quando o capitalismo quer se transformar ele estabelece a crise. O sistema político se ajusta a cada momento histórico. E qual é o momento histórico que vivemos? Estamos construindo um momento histórico de caráter político, que se iniciou em 2002 e se estendeu a 2014. No momento atual, constitui um governo da base popular-democrática, fundamentado na luta da classe trabalhadora, porém, um governo que está administrando numa sociedade capitalista.

Para que esse governo se estabeleça faz um pacto de poder e as estratégias baseadas no nacional desenvolvimentismo, isto é, na força do capital. E como esse governo se comporta? Por um lado, estimula, incentiva, apoia as exportações, o investimento no crédito e no agronegócio, mas também atua na ampliação dos direitos sociais. Vários programas sociais vêm se afirmando e dando a condição dos mais pobres terem comida, terem crédito, terem acesso aos direitos sociais. É interessante dizer que a educação do campo, no qual a educação está sendo tratada como mercadoria, e o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014 deu vazão e força para isso. Esse movimento é do empresariado da educação, que passa a pautar a educação brasileira. As escolas são organizadas como metas e processos produtivos. O que sustenta uma sociedade capitalista é a produção, é a acumulação do capital, é

a mais valia. A educação a partir do Todos na Educação está pensada nessa mesma lógica. Esse movimento é financiado no campo pela Syngenta, Monsanto e Souza Cruz, Rede Globo, Saraiva, entre outros. E a esse modelo de educação eles chamam de educação do campo. Por isso, defender a educação do campo, a educação contextualizada é uma luta para afirmar o direito, considerando sua diversidade, sua realidade, pautando de que política estamos falando.

Aí o Estado capitalista percebe que a educação brasileira é um fracasso e diz que é necessário tirar a educação brasileira das mãos dos educadores, que os educadores não estão dando conta do recado. Aparecem então os reformadores da educação que criam um movimento desde 2006 no Brasil chamado Todos pela Educação, no qual a educação está sendo tratada como mercadoria, e o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014 deu vazão e força para isso. Esse movimento é do empresariado da educação, que passa a pautar a educação brasileira. As escolas são organizadas como metas e processos produtivos. O que sustenta uma sociedade capitalista é a produção, é a acumulação do capital, é



Dessafios

A Educação do Campo não está lutando para ser uma educação apenas ideológica para o sistema, para usar de qualquer forma. Estamos lutando para interesses das classes trabalhadoras do campo. E os trabalhadores da classe trabalhadora rurais apresentam suas práticas educativas, que estão voltadas para os ideais da emancipação humana, onde a experiência é apresentada claramente através da forma do conteúdo o que estamos falando. Nós temos uma parceria hoje com o governo do estado implantando um programa chamado Educação Jovens e Adultos (EJA) Ceará, que vai lidar com o princípio do concepção de educação da educação do campo que o professor, o foco é sobre o campo que a gente defende. Então, a forma e os conteúdos são o grande desafio para afirmar nessa sociedade, que é uma sociedade de disputa, na lógica do capital. Os movimentos sociais estão desfazendo a afirmação da educação do campo, da educação contextualizada, temos propostas políticas, que são vivenciadas enquanto experiências, mas quando a vida se estrutura dentro de um contexto político público, entra na estruturação. Estado que assume um papel de organizador da sociedade capitalista, desfaz completamente o sentido da proposta, essa é a proposta, é o processo, é o direito, é o administrativo, para não garantir o direito dos trabalhadores e das trabalhadoras ao acesso à educação de qualidade que é a emancipação.

* Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Ministério da Educação (MEC) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIESE) de 2014.

OS DIREITOS DAS MULHERES AGRICULTORAS

DE PERNAMBUCO A PARTIR DE UM ENFOQUE FEMINISTA

RIDALVA MENDES BORGES

AGRICULTORA, DELEGADA SINDICAL E LIDERANÇA DE GRUPO DE MULHERES DO SÍTIO MATOLOTAGEM DOS BORGES, FLORES (PE)

Quando minha filha engravidou, meu ex-marido me expulsou de casa junto com ela. Na época ela estudava e trabalhava em Carnaíba. Desde os 11 anos que minha filha trabalhava para me ajudar. Na minha casa toda vida eu fui viúva de marido vivo. Toda vida eu trabalhei para manter meus filhos. Filha única, meus pais morreram cedo, Deus levou papai em 1990 e mamãe e vovó em 1993. E eu fiquei sozinha com minha filha, meu filho especial e um pré-adolescente. Chegava o sábado e eu perguntava para o meu marido se ele ia para a feira e ele respondia que ia, mas que eu não esperasse nada. Eu mesma não tenho vergonha de dizer, eu varria terreno e ainda varro, faço faxina, vou para roça para sustentar meus filhos.

Mas a violência começou, ele sempre foi violento comigo, mas depois da gravidez dela ele chegou a nos ameaçar. Passei 17 dias fora da minha casa, com um filho especial, um pré-adolescente e uma grávida. Imagine! Eu já tinha ido na delegacia e já tinha prestado queixa. Mas não parei, corri atrás. Ai saiu uma ordem de despejo e ele saiu de casa. Foi muito sofrimento, mas foi bom demais. Foi aí que veio o sindicato, foi aí que eu que eu vim fazer uma formação na Fetape. Daí nesse mesmo ano o Centro Sabiá chegou na minha casa. Graças a Deus, o Sabiá trouxe uma vida nova para minha família. E o meu neto, que é minha vida. Foi o meu neto quem me deu a vida novamente, foi ele que me fez reviver de novo, que me fez renascer das cinzas.

Hoje eu faço parte do sindicato, tem o grupo de mulheres sempre ali na ativa me ajudando. Na hora em que eu preciso elas estão lá. Eu me sinto muito orgulhosa e agradeço todos os dias a Deus por ter meus filhos, meu neto e o Centro Sabiá na minha casa que mudou a minha vida e não só a minha como de todas as mulheres da minha comunidade. Elas hoje têm um olhar mais bonito, elas sabem que o direito delas ninguém tira. Através do Sabiá minha filha conseguiu estudar na Pastoral da Juventude Rural (PJR) e ela é muito orgulhosa, tem o grupo de jovens... é pequeno, mas é de qualidade e é isso que importa. É difícil criar filho sozinha, mas não me arrependo não. De jeito nenhum. 

ESTUDO DE DOUTORADO: INTERFACES E DESAFIOS PARA A AGROECOLOGIA E FEMINISMO - COMO CONSTRUIR UMA PROPOSTA COMUM

A AGROECOLOGIA E O FEMINISMO PODEM SER ANALISADOS A PARTIR DE 3 DIMENSÕES: ECONÔMICA, ECOLÓGICA E POLÍTICA

"NÃO HÁ NADA MAIS RUIM QUE TER QUE PEDIR DINHEIRO PARA HOMEM."

"A MULHER UTILIZA O DINHEIRO COM COISAS PARA CASA, PARA OS FILHOS, PENSANDO NA SUA LIBERDADE E MELHORIA DE VIDA!"

"NUNCA VOU ME ESQUECER DE QUANDO COMECEI A TER MEU DINHEIRO. NUNCA TINHA ME SENTIDO TÃO LIVRE!"

AGRICULTORA

EM BRIGA DE MARIDO E MULHER NINGUÉM METE A COLHER?

O PESSOAL E O PRIVADO TAMBÉM COMPOEM O POLÍTICO. TÉCNICOS DEVEM CONSIDERAR E TRABALHAR A QUESTÃO DAS MULHERES.

"OS HOMENS PENSAM QUE AS MULHERES NÃO TRABALHAM, MAS ELAS TRABALHAM MUITO MELHOR QUE MUITOS HOMENS."



O QUE É SORORIDADE?
É A SOLIDARIEDADE ENTRE MULHERES

"TEM MULHER QUE CUROU A DEPRESSÃO DEPOIS QUE COMEÇOU A PARTICIPAR DO GRUPO"

AS MULHERES TEM MEDO E MUITAS VEZES NEGAM A VIOLENCIA. A VIOLENCIA TEM VÁRIAS FACES: PODE SER PSICOLÓGICA, FÍSICA, PATRIMONIAL, MORAL E SEXUAL.

"EU SOU VIÚVA DE MARIDO VIVO."

"QUANDO MINHA FILHA ENGRAVIDOU MEU MARIDO EXPULSOU-A DE CASA."

AGRICULTORA

"EU ERA PROIBIDA DE FALAR COM A MINHA FILHA E ELE AMEAÇAVA NOS MATAR."

"SAI DE CASA, DENUNCIEI ELE, FIQUEI 17 DIAS FORA. FOI MUITO DIFÍCIL MAS VALEU A PENA."



"SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA?"

SEM RESPEITO E IGUALDADE DE GÊNERO NÃO HÁ AGROECOLOGIA.

A QUESTÃO DE GÊNERO ESTÁ NA DIMENSÃO SOCIAL DA AGROECOLOGIA

POR ESSE MOTIVO, SÃO NECESSÁRIAS AS REFERÊNCIAS DO FEMINISMO PARA O AVANÇO AGROECOLÓGICO!

AS ONGS NÃO TRABALHAM QUESTÕES DE GÊNERO PORQUE NÃO HÁ PREPARO PARA ISSO! É FUNDAMENTAL QUE AS ONGS CONSTRUAM UMA ABORDAGEM FEMINISTA NA AGROECOLOGIA. AS EQUIPES TÉCNICAS DEVEM CONSIDERAR E TRABALHAR A QUESTÃO DAS MULHERES.

A HISTÓRIA DE RIDALVA

"MINHA VIDA MUDOU QUANDO O SABIÁ BATEU EM MINHA PORTA."

"HOJE SOU MOBILIZADORA DA MINHA COMUNIDADE, SOU DO GRUPO DAS MULHERES. ME SINTO ORGULHOSA!"

"EU ERA VIVO COM A MEU FILHO, FILHA E MEU NETO, QUE ME DEU VIDA NOVAMENTE."

"GRAÇAS AO SABIÁ, AS MULHERES DA COMUNIDADE ESTÃO SABENDO DE SEUS DIREITOS!"

"HOJE VIVO COM A MEU FILHO, FILHA E MEU NETO, QUE ME DEU VIDA NOVAMENTE."

"SAI DE CASA, DENUNCIEI ELE, FIQUEI 17 DIAS FORA. FOI MUITO DIFÍCIL MAS VALEU A PENA."

"GRAÇAS AO SABIÁ, AS MULHERES DA COMUNIDADE ESTÃO SABENDO DE SEUS DIREITOS!"

Cháliases de CONTEXTO

O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Rurais da Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Plano Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãs e cidadãos, entre agricultoras e agricultores, integrantes da academia, movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Relembremos os debates sobre a Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Solidária, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebem aqui, agora escrito, foi obtido de modo degradações. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como o relato. Também partilhamos os painéis, resultados e desafios gráficos de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material vem com o objetivo de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e o painel referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação do conteúdo. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema chegar a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temas a maior que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastante difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, com também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

EXPEDIENTE:
Organização e edição:
Catarina de Araújo (DRT/PE/4477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Batista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberto Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis
www.centrosabi.org.br



ANA PAULA FERREIRA
COORDENADORA DA ÁREA DE DIREITO DAS MULHERES DA ACTIONAID

**PRA MUDAR A
SOCIEDADE DO JEITO
QUE A GENTE QUER,
PARTICIPANDO
SEM MEDO DE
SER MULHER...**

Minha fala vem alicerçada na minha tese de doutorado "A importância da aproximação entre as perspectivas feminista e agroecológica nos processos de empoderamento das mulheres rurais no território do Pajeú, Sertão de Pernambuco", em que eu trago como estudo de caso agricultoras assessoradas pela Casa da Mulher do Nordeste e pelo Centro Sabiá, no Sertão do Pajeú de Pernambuco.

Sem Feminismo Não Há Agroecologia

O termo "Sem feminismo não há Agroecologia" surge com mais força no Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em 2009, muito provocado pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). E essa afirmativa tem provocado muitas concordâncias, discordâncias e muito incômodo, mas também muita reafirmação. Muita gente fala que a Agroecologia vem se desenvolvendo há muito tempo e em muitas comunidades que nunca ouviram falar em feminismo. Então, por que essa afirmativa? É lógico que, mesmo sem a discussão sobre o feminismo, a Agroecologia existe, ela está nos movimentos sociais, nas comunidades. Mas será que existe a Agroecologia que a gente tanto prega, tanto deseja e tanto sonha sem o feminismo? Acho que é isso que essa frase provoca. Quando falamos em gênero, em mulheres, a gente vem muito firmada na dimensão social da Agroecologia. Se a gente quer fazer isso mesmo ela terá que trazer consigo alguns elementos do feminismo. Vai ser necessá-

rio agregar ao conjunto de conhecimentos, que já são utilizados pela Agroecologia (como os que vêm da ecologia, da educação popular, da agronomia, etc.), os referenciais teóricos trazidos pelo feminismo, principalmente que permita explicitar e combater as formas como a opressão de gênero se dá nas comunidades e sociedade.

Violência doméstica

**"SEM FEMINISMO
NÃO HÁ
AGROECOLOGIA ?"**

Na pesquisa entrevistei 20 agricultoras e uma delas disse assim: "Nunca vou esquecer do tempo que comecei a ter meu dinheiro. Eu não sabia o valor das notas, nem sabia o quanto era aquilo que tinha na minha mão. Mas tudo bem, fui aprendendo aos pouquinhos. Ficava mesmo animada porque passei a ter uma carteira com dinheiro e podia gastar com as coisinhas que eu achava importante para meu filho, para mim, para minha casa, sem precisar mais pedir para o homem, eles pensam que a mulher gosta de gastar dinheiro à toa. Nunca tinha me sentido tão livre". Foi muito recorrente essa fala.

O valor do dinheiro é muito mais do que monetário para essas mulheres. Ela consegue com esse dinheiro gerir muitas coisas. E as falas de todas não explicitam esse valor, elas não se colocam como empoderadas por ter esse poder econômico. Elas se sentem ainda um pouco diminuídas. E unanimidade o quanto é ruim pedir dinheiro para o homem. Impressionou-me bastante a relação que elas fazem do homem como o chefe de família. Uma disse que o marido está viajando há um ano e é ela quem faz tudo dentro de casa. Paga as contas, faz as compras, ela que organiza tudo e fala que acha que essas coisas são para homem fazer. Diz que nem sabe se faz bem essas coisas. Ou seja, muito embora as mulheres tenham melhorado de renda e tenham seu próprio dinheiro, ainda entendem o homem como o chefe da família e os responsáveis pela administração do lar. É como se o empoderamento econômico não estivesse aliado à quebra de poder hierárquico que esse homem tem e representa dentro dessa família.

**EM BRIGA DE MARIDO E MULHER
NINGUÉM METE A COLHER ?**



A dimensão ambiental chama muita atenção em todas as agricultoras que entrevistei. Existem casos recorrentes de homens que colocam cadeados nas cisternas para que possam controlar a água. E de casos de enxadas mais pesadas que geralmente ficam para as mulheres e as mais afiadas para os homens. Existe um monte de casos de controle dos recursos de produção. Existe uma disputa pelos instrumentos e insumos da produção, uma disputa de poder que às vezes não é visibilizada. Entregar para a mulher a enxada mais pesada ou a enxada mais cega tem uma coisa simbólica por trás disso.

Apontamos para uma metodologia feminista

A partir dessas falas e do trabalho de campo, cruzando também com a teoria, me despertou interesse de fazer apontamentos que chamei de Apontamentos para uma Metodologia Feminista. Também entrevistei técnicos, técnicas e pessoas relacionadas a essas agricultoras e é muito recorrente a fala de que não se trabalha a questão de gênero porque não se tem preparação para isso. É um tema politicamente correto de se trabalhar, mas as pessoas falam que não sabem como fazer. Então, a provocação que faço é a seguinte: se o movimento agroecológico em todos esses anos construiu metodologias capazes de enfrentar as resistências no âmbito da mudança de práticas de produção, de alimentação, de comercialização, de comunicação, não parece razoável apregoar que uma abordagem feminista também possa ser construída e trabalhada na prática por essas organizações junto à agricultura familiar e toda a sociedade?

Não dá mais para falar que da porta para dentro eu não tenho nada a ver com isso. A meu ver, no ano que a gente está, na situação de violência e opressão que as mulheres vivem, não existe mais essa possibilidade de falar que eu não tenho nada com isso. Aponto cinco elementos dentro dessa metodologia feminista. É na verdade um pontapé, pois quero muito discutir e refletir isso com as organizações.

1. O pessoal e o privado compõem o político

O privado tem que ser discutido. Se sou um técnico ou uma técnica que trabalha com desenvolvimento sustentável em uma comunidade, preciso estar integrado sobre tudo. Essas violações dentro da Agroecologia devem ser tão reprováveis como o uso de sementes transgênicas.

2. Auto-organização

A importância de reafirmação dentro desses espaços, mesmo em organizações mistas, que trabalham com homens e mulheres. É importante que alguns momentos sejam reservados para trabalho só com mulheres. Porque existe uma divida histórica e é importante que as mulheres tenham seus espaços de troca.

3. Análise do mapa de poder

As pessoas que compõem a família não têm as mesmas necessidades, não têm os mesmos poderes. Não adianta qualquer organização trabalhar com as pessoas como se as necessidades fossem as mesmas. Chamo isso de análise de poder.

4. Mulher como sujeito político

Quebrar a ideia de chefe de famílias. As organizações precisam questionar o porquê tem que ter esse chefe de família e se tiver sempre que ter um chefe de família, por que sempre o chefe de família tem

que ser o homem? Porque isso não é um pouco pensado, um pouco idealizado juntão à família?

5. Incentivo à cooperação

É importante que isso seja mais dia a dia dentro das mulheres. Estimular a solidariedade entre elas, que já é muito praticada no meio rural, mas esse é importante.

**"NUNCA VOU ME
ESQUECER DE QUANDO
COMECEI A TER MEU
DINHEIRO. NUNCA
TIHOU ME
SENTIDO TÃO
LIVRE!"**

AGRICULTORA



O PAPEL DAS JUVENTUDES RURAIS NO DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO

FRANCELI GOMES

INTEGRANTE DA COMISSÃO TERRITORIAL DE JOVENS MULTIPLICADORES DA AGROECOLOGIA (CTJMA), RIO FORMOSO (PE)

Sou agricultora familiar jovem, participo da Comissão Territorial de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CTJMA). Acho que a juventude ainda está muito fragilizada, apesar de todos os movimentos que a gente faz, os encontros de fortalecimento, mas a juventude ainda não tem muita visibilidade. Por exemplo, em uma associação raramente vamos ver jovens envolvidos, a não ser que os jovens entrem lá e batam de frente com a associação. Porque há um preconceito muito grande e temos que lutar para quebrar esse tabu que acontece em vários lugares. A juventude deveria participar mais dos meios como sindicatos, conselhos de desenvolvimento rural sustentável, e a informação também precisa chegar, a comunicação ainda é pouca. Em Rio Formoso, Zona da Mata de Pernambuco, por exemplo, há um Conselho da Juventude que nenhum jovem sabia que existia. Como a gente faz para os jovens saberem? Informações desses espaços são boas para fortalecer os espaços de juventude que a gente não tem.

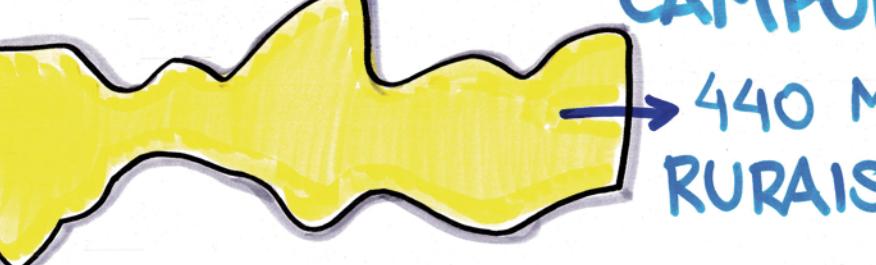
Outra coisa que é importante são os grupos de base. Nós temos a comissão que abrange todos os territórios, mas se não tivermos os grupos de base como vamos consolidar a comissão por inteiro? Na Zona da Mata são poucos os jovens que se envolvem, poucos mesmo. Mas também temos muitos pontos positivos. Os jovens estão se articulando; tem o Cine Artes Flores, no Sertão; temos que reativar o programa de rádio, principalmente na Mata tem que ter algumas coisas, porque não tem. Mas lá tem uma unidade de beneficiamento de polpas, onde a gestão é realizada pelos jovens; tem apicultura. Mas tudo isso tem que ser fortalecido. Então, vamos trabalhar, colocar os jovens para frente porque jovem é presente e não futuro!



DESAFIO:

9 MILHÕES DE HABITANTES

EM PERNAMBUCO



21% DA POPULAÇÃO É RURAL

2 MILHÕES DE CAMPONESES

→ 440 MIL JOVENS RURAIS EM PERNAMBUCO

SERTÃO: 215 MIL JOVENS RURAIS

AGreste: 130 MIL JOVENS RURAIS

ZONA DA MATA: 80 MIL JOVENS RURAIS

60 A 70% DO CORTE DA CANA É FEITO POR JOVENS.

50% DESTES JOVENS RURAIS ESTÃO EM SITUAÇÃO DE POBREZA OU EXTREMA POBREZA.



O RURAL NÃO É VALORIZADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. A JUVENTUDE RURAL É MENOS VALORIZADA AINDA HÁ UMA INVISIBILIDADE DO JOVEM DO CAMPO

COMO AJUDAR A JUVENTUDE A LUTAR POR DIREITOS? SE ENVOLVER EM POLÍTICAS PÚBLICAS?

OS JOVENS PRECISAM SER PROTAGONISTAS DAS AÇÕES.

AS MULHERES E OS JOVENS SÃO MAIS ABERTOS A AGROECOLOGIA

TODA A FAMÍLIA CONSEGUEM TRAZER FAMÍLIA.

VAMOS TRABALHAR E BOTAR PRA FREnte, QUE O JOVEM NÃO É FUTURO, O JOVEM É PRESENTE.

O ENCONTRO DO PJR COM O SABIA' JÁ PROMOVEU MUITAS TRANSFORMAÇÕES.



MUITOS JOVENS ESTÃO NA PJR E NO SABIA' AO MESMO TEMPO.

O PJR E O SABIA' SÃO CENTRAIS NA AGROECOLOGIA E COM A JUVENTUDE.

NÃO EXISTE FÓRMULA MÁGICA PARA AGROECOLOGIA COM A JUVENTUDE.



METODOLOGIA: PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A AGROECOLOGIA É O CAMINHO PARA O RURAL.

A JUVENTUDE AINDA ESTÁ MUITO FRAGILIZADA.

NOS ASSENTAMENTOS OS JOVENS NÃO TEM VOZ NAS REUNIÕES, SÓ OS TITULARES DA TERRA.

OS JOVENS NÃO TEM INFORMAÇÕES SOBRE DECISÕES E ESPAÇOS PARTICIPATIVOS

O JOVEM AINDA NÃO SE ARTICULA SOZINHO, FICA ESPERANDO O SABIA'.

OS JOVENS PRECISAM PARTICIPAR DOS ESPAÇOS, DOS CONSELHOS, DOS SINDICATOS, COMO A 1^º CONFERÊNCIA MUNICIPAL DA JUVENTUDE DE RIO FORMOSO!

Chálices de CONTEXTO

O Centro Sabia tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Juventudes em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de convidados e convidadas, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, de movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Relemos os debates sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Sólida, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude Rural e Comunicação.

Nesta publicação temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram frutos desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, agroescrito, foi obtido por meio de reuniões. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como relato. Também partilhamos os painéis, resultados das relações gráficas de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com o formato de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto e painel referente àquele debate em uma única folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação contínua. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre o tema seja chegar a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temas a tarefas que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil. Basta ser difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mude rapidamente. No entanto, acreditamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

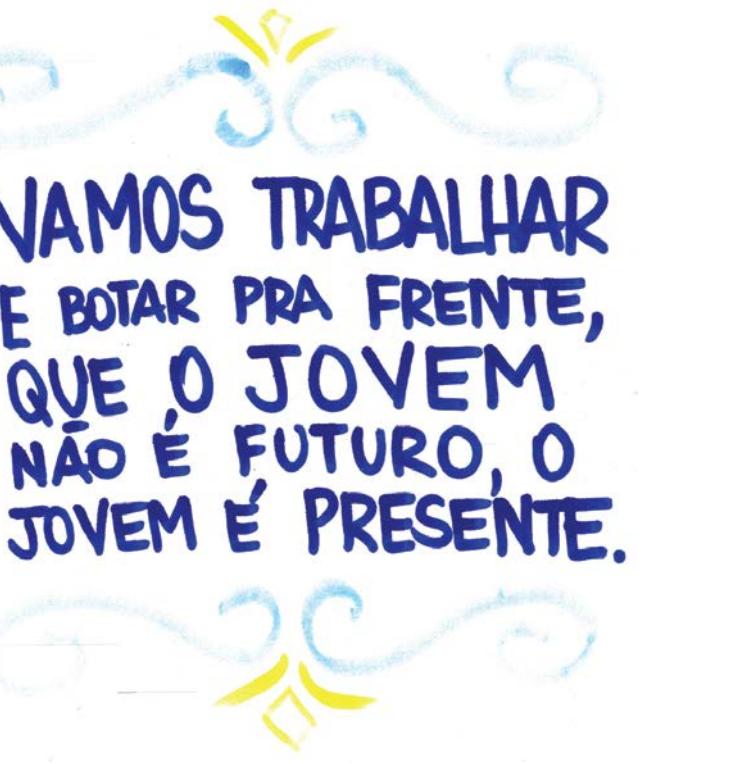


Rua do Sossego, 355,
Santo Amaro, Recife - PE,
CE 50005-080
www.centrosabia.org.br

EXPEDIENTE:
Organização e edição:
Catarina de Andrade (DRT/PE 477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberto Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis

PAULO MANSAN

ASSESSOR DA PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (PJR)



Os temas das juventudes, das mulheres, dos quilombolas foram historicamente invisibilizados no rural brasileiro. Esse rural é sempre visto com a concepção dos que são alheios ao conhecimento. Então a conjuntura desses grupos não é fácil e a juventude não é diferente disso. Temos historicamente um rural construído em cima do patriarcado. Aí perguntamos como a juventude consegue se firmar e ter alguma esperança de permanecer nesse rural? Onde historicamente o homem ou mesmo a família controla toda a renda, onde o jovem não tem muitas alternativas de permanência, sendo que o que mais motiva o mesmo a ficar é o vínculo de ter nascido e vivido na sua comunidade? Organizar a juventude camponesa é muito difícil.

Juventude Rural em Pernambuco

Quando citamos Pernambuco não podemos esquecer que estamos falando de algo em torno de uma população de nove milhões e trezentas mil pessoas. É um dos estados que mantém uma porcentagem no rural considerável, em torno de 20% é rural. Estamos com quase 2 milhões de camponeses, camponesas, agricultores familiares, e isso não inclui os trabalhadores da Zona da Mata necessariamente, pois fazem parte do rural, mas não são mensurados porque a maioria vive nas periferias de pequenas cidades e são contabilizados como urbanos. Então esse rural que nós estamos trabalhando são mais do que os 2 milhões decretados pelo IBGE.

Mas se nós ficarmos nos dados oficiais de juventude rural estamos falando em torno de 440 mil jovens em Pernambuco. No recorte do rural, ainda temos 50% de pobreza e extrema pobreza no estado*. Em anos passados era bem pior, estava em torno de 80%. E uma boa porcentagem, praticamente 50% dos jovens rurais, é enquadradada nesse recorte de pobreza e extrema pobreza. Então imaginem um jovem no auge da sua força de trabalho, onde deveria estar produzindo riqueza e a sua própria reprodução da vida, ser enquadrado numa situação de pobreza ou de extrema pobreza. A Zona da Mata, sem contar jovens trabalhadores assalariados, tem em torno de 80 mil jovens rurais. No Agreste trabalhamos com um número em torno de 130 mil jovens rurais. No Sertão pernambucano, são 135 mil mais o Vale do São Francisco com uns 80 mil jovens, tudo aproximadamente. É uma população considerável que a gente tem que levar em conta.



Modelo agroecológico para o campo brasileiro

O Centro Sabiá está localizado nas três grandes regiões que estamos trabalhando com os maiores quantitativos de jovens. A Agroecologia é algo central para o desenvolvimento da agricultura brasileira e quando a gente fala em Agroecologia não vamos entender como algo alternativo ao capitalismo. Nós queremos um modelo agroecológico para o campo brasileiro. E um pouco pela nossa experiência histórica, pelas andadas no Brasil, há dois públicos preferenciais para ajudar o processo. Acreditamos que é possível construir um processo de transformação e mudar o modelo ou o próprio sistema. Quem sabe implantarmos algo diferente, sem dúvida na relação do campo, na relação com a terra, a Agroecologia vai ser algo primordial.

Há dois sujeitos que são muito importantes para a gente conseguir dar passos. As companheiras e os jovens são públicos com os quais podemos começar, propor e construir algo diferente. Inclusive para convencer todo o coletivo da unidade familiar. As mulheres historicamente desenvolvem essas experiências que dão certo. A Pastoral



Juventude e Políticas Públicas

É central nos planejamentos nós também pensarmos em duas coisas. A primeira é: como a gente ajuda a juventude a se envolver nessa luta por políticas públicas? A construção da luta por políticas públicas é algo central, não só para acessar as que existem, mas também como propor e ver o que constrói. Outro ponto é como envolver a juventude para participar dos movimentos sociais. O Centro Sabiá faz um trabalho dos mais bonitos nesse campo em Pernambuco, da Agroecologia e do desenvolvimento do rural. Mas pela sua forma tem seus limites e para passar desses limites quem pode contribuir nisso?

O protagonismo do jovem camponês é algo central, um protagonismo sem intermediários, com ele próprio querendo construir o novo, querendo construir a revolução, querendo construir a transformação. E é nesse novo que a Agroecologia vai ter um papel importante. Construindo experiências concretas dos camponeses e camponesas dando os rumos na sua história e a juventude no meio disso. Uma Agroecologia onde o indivíduo se sinta parte do seu meio, se sinta protagonista e tenha todo um cuidado, não entenda simplesmente a terra como um mercado ou como uma mercadoria.

DESAFIO:

COMO AJUDAR A JUVENTUDE A LUTAR POR DIREITOS? SE ENVOLVER EM POLÍTICAS PÚBLICAS?



A PROMOÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMO UM DIREITO HUMANO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA CIDADANIA

GETÚLIO ROBERTO DA SILVA

INTEGRANTE DA COMISSÃO TERRITORIAL DE JOVENS MULIPlicadores DA AGROECOLOGIA (CTJMA), CUMARU (PE)

Sou fruto do processo de comunicar, do acesso à comunicação que tive, a partir dos processos de formações proporcionados pelo Centro Sabiá com a juventude. Fui presidente do Grêmio Estudantil da minha escola e a partir do meu envolvimento com os movimentos sociais fui convidado a fazer parte da Comissão Territorial de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CTJMA) por outro jovem multiplicador. E a partir daí se abriu todo um universo para mim, de experiência, de conhecimento. A partir dos intercâmbios e do diálogo com outros jovens de várias outras regiões tive esse contato e pude fortalecer a incidência no meu município.

Hoje posso dizer que temos um grupo de base muito bem articulado em Cumaru, temos jovens que estão exercendo o seu poder de comunicar, de trazer outros jovens para reivindicar as políticas públicas da juventude. E um fato bem concreto com relação a isso foi nosso envolvimento nas conferências de juventude que aconteceram no ano de 2015. Foi uma coisa extremamente importante e que colocou para a gente o desafio de trazer a juventude para construir e dialogar sobre os seus direitos e as suas demandas. Todo esse processo de mobilização da juventude diz respeito a um processo de comunicação, o jovem ser um comunicador a partir das experiências e das vivências que tem.

E o acesso à comunicação de massa é muito limitado, por isso temos que democratizar a mídia. E a comunicação tem uma importância muito grande para o desenvolvimento da Agroecologia e para nós jovens multiplicadores da Agroecologia porque é através da comunicação que podemos levar às outras pessoas a ideia da Agroecologia. E fazer também com que as outras pessoas, a partir desse contato com a minha experiência, possa transformar também sua realidade. Essa transformação se dá a partir do momento em que eu começo a compartilhar, a comunicar e a fazer as experiências circularem.

O FORUM DE COMUNICAÇÃO É MUITO URBANO E PRECISA SER MAIS RURAL.

O SABIÁ TEM PARTICIPADO ATIVAMENTE DE DISPUTAS PELA COMUNICAÇÃO POPULAR.

#FICAADICA

SABIÁ DEVERIA ENTRAR NO FORUM NACIONAL DA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

PARADIGMA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL PRECISA SER REVISTO:

4 FAMÍLIAS DOMINAM A COMUNICAÇÃO NO BRASIL

RECURSOS PÚBLICOS ESTÃO indo PARA A REDE PRIVADA

AS CRIANÇAS SÃO BOMBARDEADAS PELA PUBLICIDADE INFANTIL, NA ZONA RURAL ISSO TAMBÉM ACONTECE.

A MAIORIA DOS CANAIS DEVERIAM SER PÚBLICOS E NÃO PRIVADOS.

NO BRASIL AS PESSOAS VÊM EM MÉDIA 4h30/DIA DE TV → MAS SÃO AS CORPORAÇÕES QUE DEFINEM O CONTEÚDO

QUANTAS PESSOAS NÃO TEM ACESSO A UMA COMUNICAÇÃO DE QUALIDADE?



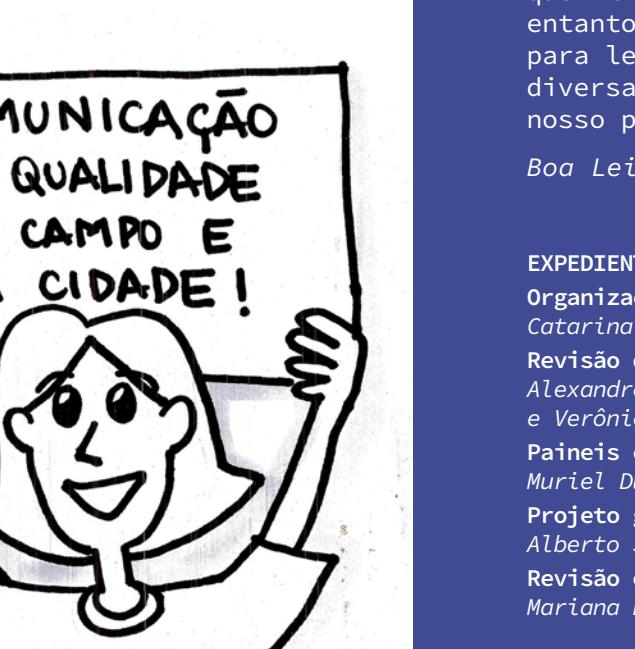
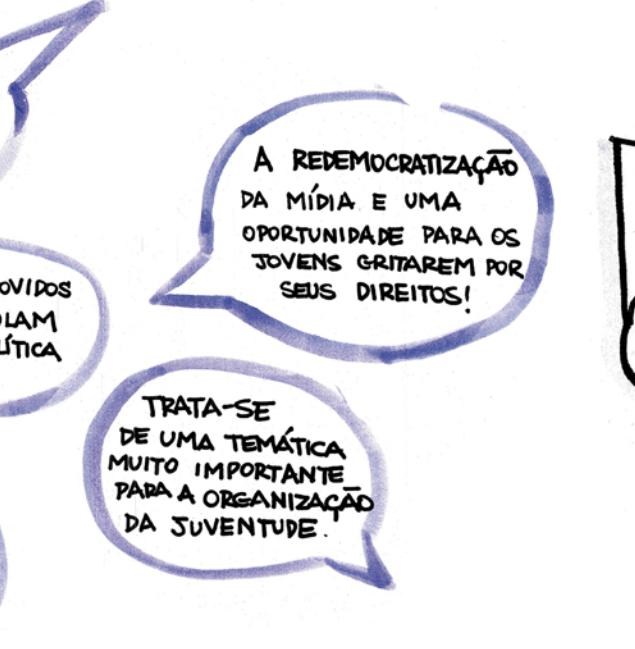
VOCÊ NÃO VÊ AS PESSOAS PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS NOS MEIOS HEGEMÔNICOS DE COMUNICAÇÃO!



A COMUNICAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA A CONQUISTA DOS DIREITOS!

INTERNET

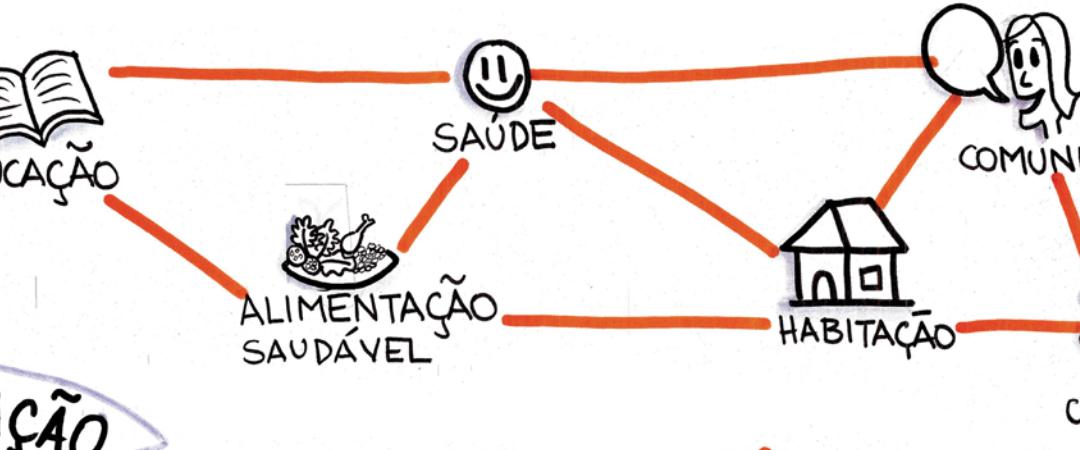
• PRECISAMOS LUTAR POR BANDA LARGA PARA TODOS, PELA NEUTRALIDADE DA REDE E PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO.



DIREITOS HUMANOS

UNIVERSAIS INDIVISIVEIS INTERDEPENDENTES

PARA GARANTIR UM DIREITO PRECISAMOS GARANTIR OS OUTROS. O PROBLEMA DO BRASIL SÃO TODOS OS DIREITOS!



JUVENTUDE E COMUNICAÇÃO
CUIDADO PARA NÃO CONFUNDIR DIREITOS COM COISAS!



O Centro Sabiá tem o prazer de apresentar a publicação Análises de Contexto: Perspectiva das Realidades em Pernambuco. Ela é resultado de debates e reflexões que realizamos no ano de 2015, durante a construção do nosso Planejamento Estratégico Institucional 2016 - 2019. Para isso, contamos com a contribuição de cidadãos e cidadãs, entre agricultores e agricultoras, integrantes da academia, de movimentos e organizações sociais, pesquisadores e pesquisadoras, parceiros, entre outros. Relemos e debatemos sobre Realidade Agrária e Agrícola, Agroecologia, Água, Economia Solidária, Educação Contextualizada, Direitos das Mulheres, Juventude, Ruas e Comunicação.

Nesta publicação, temos a oportunidade de partilhar com vocês as apresentações e análises que foram fruto desse processo, com objetivo de ampliar o máximo o acesso a este rico material. O conteúdo que recebe aqui, a gente escrito, foi obtido por meio de gravações. Por isso, os textos são apresentados de forma direta, como relato. Também partilhamos os painéis, resultados das relações gráficas de cada tema abordado.

O formato com que apresentamos o material veio com a forma de contribuir para sua utilização em diferentes espaços, leituras individuais ou trabalhos de grupo. Cada tema vem com o texto ou painel referente àquele debate em uma folha, que pode ser utilizada também de forma separada, facilitando a circulação do conteúdo. Essas são sugestões, pois esperamos que outras formas de utilização surjam e que o objetivo de fazer a reflexão sobre os temas chegar a mais pessoas seja alcançado.

Acreditamos que as análises e questões trazidas nos textos não esgotam os temas e temas a trazer que estamos passando por um momento conjuntural no Brasil, bastaria difícil para quem atua no campo popular, o que faz com que a conjuntura mudar rapidamente. No entanto, avaliamos que este material pode contribuir para levantar questões importantes para a atuação de diversas organizações, como também contribuir com nosso processo de enfrentamento a este momento.

Boa Leitura!

EXPEDIENTE :
Organização e edição:
Catarina de Angola (DRT/PE 4477)
Revisão de conteúdo:
Alexandre Henrique Bezerra Pires
e Verônica Baitista
Paineis e ilustrações:
Muriel Duarte
Projeto gráfico e diagramação:
Alberta Salo
Revisão ortográfica:
Mariana Reis



Rua Dossiê, 335,
Bairro Amaro, Recife - PE,
CE 50005-080
www.centrosabiab.org.br

Analises de CONTEXTO

IVAN MORAES FILHO

INTEGRANTE DO CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE (CCLF) E DO FÓRUM PERNAMBUCANO DE COMUNICAÇÃO (FOPECOM)



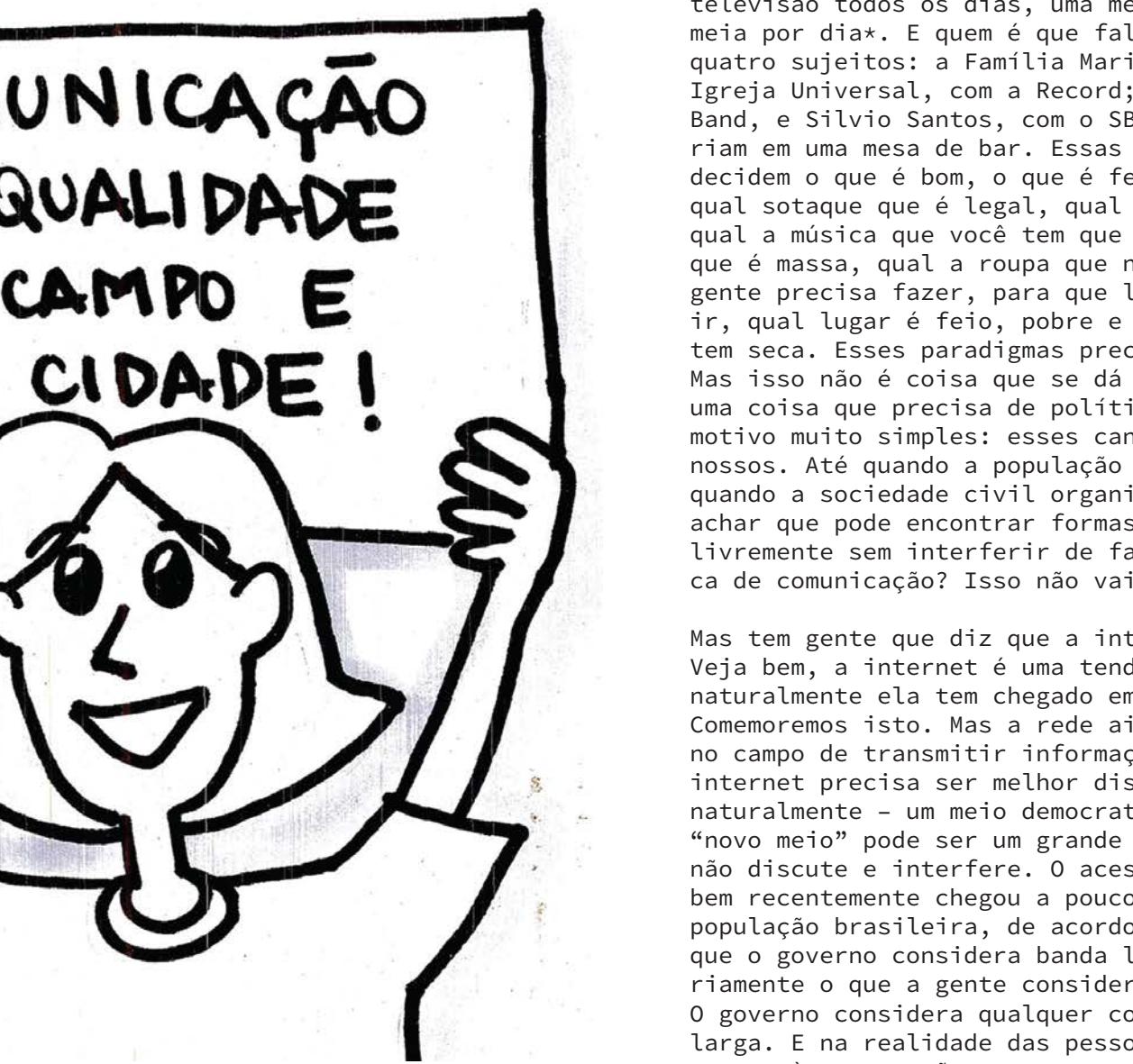
Os Direitos Humanos são universais, indivisíveis e interdependentes. Isso nós já estamos cansados de repetir. Mas nem sempre percebemos essa interdependência. Nem sempre percebemos como um direito se relaciona com o outro. Um símbolo muito grande disso é a necessidade de se trabalhar a questão da comunicação na perspectiva de política pública, dentro de um diálogo de crítica da mídia. Problematizamos que o jovem do campo, por exemplo, não quer ser visto de forma enviesada e trazemos a responsabilidade para a escola. Mas será que essa carga toda de responsabilidade da autoestima, da representação, de saber onde é que vai, para onde é que vem, o que é que significa ser agricultor, será que isso tudinho vai cair naquelas três ou quatro horas que a criança ou jovem passa dentro do ambiente escolar? Ou será que isso não implica as outras educação que a gente sofre no dia a dia?

Falta de representação na mídia

Se eu morasse em Flores, no interior de Pernambuco, tenho certeza que se eu ligasse a televisão poderia mudar de canal o tempo inteiro e não iria ouvir o meu sotaque. Não veria nem uma fotografia, nem nada da cidade de Flores. Essa necessidade de comunicação se vê, mas não vemos a ligação com a necessidade de se fazer um esforço positivo de garantir esse direito. Essas "educações" precisam acontecer dentro de um ambiente maior. Será que o debate do Plano Nacional de Educação (PNE), da importância de o dinheiro público ir para a educação pública, foi um debate de que nós participamos? A gente não sabia nem que estava acontecendo esse debate. Não vi isso em nenhum dos meios de comunicação que, em tese, teriam a função de promover esse debate.

Meios de comunicação no Brasil

E aí é preciso fazer um recorte do que é que a gente está falando desses meios de comunicação. A sociedade



brasileira se informa prioritariamente por rádio e televisão, esse é um dado da Secretaria de Comunicação do Governo Federal. Noventa e cinco por cento da população brasileira assiste televisão, 73% assistem televisão todos os dias, uma média de quatro horas e meia por dia*. E quem é que fala na televisão são quatro sujeitos: a Família Marinho, com a Globo; a Igreja Universal, com a Record; o Grupo Saad, com a Band, e Silvio Santos, com o SBT. Pessoas que caberiam em uma mesa de bar. Essas quatro "pessoas" decidem o que é bom, o que é feio, o que é bonito, qual sotaque que é legal, qual a cor que é bonita, qual a música que você tem que ouvir, qual a roupa que é massa, qual a roupa que não é, qual viagem a gente precisa fazer, para que lugar você não deve ir, qual lugar é feio, pobre e miserável porque só tem seca. Esses paradigmas precisam ser revistos. Mas isso não é coisa que se dá naturalmente. Isso é uma coisa que precisa de política pública, por um motivo muito simples: esses canais de televisão são nossos. Até quando a população brasileira e até quando a sociedade civil organizada brasileira vai achar que pode encontrar formas de se comunicar livremente sem interferir de fato na política pública de comunicação? Isso não vai acontecer.

Mas tem gente que diz que a internet é livre. Veja bem, a internet é uma tendência cada vez maior, naturalmente ela tem chegado em mais lugares. Comemoremos isto. Mas a rede ainda não é hegemônica no campo de transmitir informação. Até porque a internet precisa ser melhor discutida, já não é - naturalmente - um meio democratizante. Esse chamado "novo meio" pode ser um grande retrocesso se a gente não discute e interfere. O acesso à banda larga só bem recentemente chegou a pouco mais da metade da população brasileira, de acordo com o governo. Mas o que o governo considera banda larga não é necessariamente o que a gente considera banda larga. O governo considera qualquer coisa acima de 1Mb larga. E na realidade das pessoas que trabalham no campo, às vezes não pega nem telefone, quem dirá sinal de 3G. Sim, a internet é tendência e seu acesso precisa ser discutido e democratizado. É preciso haver políticas que deem acesso a todo mundo à banda larga de verdade. E não apenas isso.

Precisa também debater internet no que diz respeito ao que a gente chama de neutralidade da rede. Ou seja: quem distribui sinal não pode interferir no conteúdo. Isso já começou a ser discutido no Marco Civil da Internet, mas precisa ser regulamentado. E aí a gente corre um risco muito grande, de duas ou três empresas controlarem a internet e a nossa liberdade de expressão. A informação que está ali disponível em diversas plataformas na rede mundial de computadores ainda é muito limitada por componentes técnicos e componentes do mercado também.

O debate que faz o governador decidir se vai investir em tal canto e desinvestir em tal canto - ainda é feito por rádio, jornal e televisão. Essa mesma

rádio e essa mesma televisão em que eu mudo de canal e não vejo um índio, não vejo uma quilombola, não vejo uma agricultora. A não ser que esteja sofrendo, que tenha perdido um filho, que tenha passado por uma seca miserável. Você não vê as pessoas protagonistas de suas próprias histórias na mídia hegemônica comercial. Até porque isso não é tarefa da mídia hegemônica comercial. Não estou pedindo aqui, nem supondo que a gente vai propor uma interação amigável. Ou pedir, por favor, às empresas que vendem publicidade (e que vivem disso), que parem de ser concentradas no capital e passem a pensar nas pessoas. Quem trabalha com reforma agrária não pensa que vai bater na casa do latifundiário e dizer que a terra é um direito de todo mundo e pedir para que ele, por gentileza, repasse metade de suas terras para quem não tem. Parece-me que a conquista de direitos não se dá dessa forma.

Os canais de televisão e rádio são nossos, pertencem à população. As frequências são públicas e deveriam estar cumprindo uma função pública. A gente precisa ver o conjunto de canais como um patrimônio da sociedade e fazer com que boa parte deles estejam disponíveis para que nós mesmos possamos nos comunicar. É isso que chamamos de "mídia pública", é isso que perseguimos. A gente pode ter a oportunidade de construir discursos que disputem o conteúdo que está sendo discutido no País hoje.

Nova Lei de Mídia
A distribuição e uso dos canais precisa de uma nova regulação no campo federal. A Constituição de 1988 já diz, no seu artigo 223, que uma parte dos canais deve ser utilizado para a comunicação pública, ou seja, para a comunicação das pessoas: nem estatal, nem privada. Nacionalmente, a gente tem lutado para que isso aconteça através da campanha Para Expressar a Liberdade (www.paraexpressarliberdade.org.br), da qual o Centro Sabiá participou de diversas atividades.

Mas temos outra questão que é muito local, que é a questão recurso. Quando faz as contas da agricultura, percebe que o recurso público está indo para o agronegócio e não para a agricultura familiar. Na questão da educação já se percebe o dinheiro indo para setores privados da educação e deixando a educação pública e mesmo as creches comunitárias sem aquele atendimento que precisa. Na comunicação é a mesma coisa. Para se ter uma ideia, o governo do estado de Pernambuco já chegou a gastar R\$ 100 milhões com propaganda em apenas um ano. E a gente tem, em tese, uma televisão, que é a TV Pernambuco, que tem apenas dois programas. O resto retrasmite TV Brasil, porque não tem recurso para produzir, e tem que viver o ano todo com pouco mais de R\$ 2 milhões. Olha a diferença: R\$ 100 milhões para a mídia privada e R\$ 2 milhões para a mídia pública. Vamos lembrar que a Band, que vem cobrir o carnaval do Recife/Olinda todos os anos, chega a receber do governo R\$ 6 milhões só para passar uma semana aqui.

Incidiência política
Enquanto tem muito dinheiro, sem transparéncia, a gente não veio a mídia privada, muito rico ou que nem chega à mídia pública. E que propõe algumas reflexões. O Centro Sabiá é muitas pessoas que compõem participando Fórum Pernambucano de Comunicação (Fopecom), mas é preciso registrar que o Fopecom ainda é um fórum essencialmente urbano. Tem alguma em Olícuri que faz alguma coisa, tem alguma em Cairu que participa quando pode, mas a gente sente uma necessidade maior de participação das instituições. Mas já pensou como seria se a gente tivesse todas as sedes do Sabiá envolvidas e indo para aí? E todas as entidades que formam a AS colcando essa plataforma por onde?

O JOVEM DEVE SER COMUNICADOR APARTIR DAS SUAS VIVÊNCIAS

COMUNICAR FAZ AS EXPERIÊNCIAS CIRCULARM!



E se a gente tivesse um maior diálogo com cada localidade em que estamos? E se cada uma das localidades tivesse um programa nômade? E se dentro desse programa a gente pudesse ter matérias que pudesse depois serem transmitidas por outros jovens que estivessem em outras rádios? Olha só a rede formada. Isso é um diferencial da internet. Nômade você não precisa procurar um site, esperar conexão. Liga o paráfone e já vai ouvir, todo mundo no mesmo tempo. Isso é a fazer com que outros jovens que têm dificuldade de participar do encontro, mesmo quem querer, pudessem ouvir a programação. Na voz das pessoas de lá, com sotaque de lá. Assim a gente iria ver que a conversa não ficaria só alinhado da sala. Que a conversa estaria ganhando campo, incrementando o gestor público e fazendo com que as coisas aconteçam.

* Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, elaborada pela Secretaria de Comunicação (Secom) da Presidência da República.